

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e PANTALEÃO PESSOA

N.º 64

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1919

Anno VI



PARTE EDITORIAL

Olavo Bilac

As classes armadas, como todos os patriotas que comprehenderam o memorável discurso cívico de 9 de outubro de 1915, sofreram um golpe profundo com a morte prematura do insigne brasileiro Olavo Bilac.

Vêm da abolição e da república as provas inconfundíveis do seu amor à pátria; mas de 1894 a 1914 o patriotismo de Bilac se fez no culto ás letras patrias, á poesia em que foi princípio e onde cantou com os sons puríssimos da língua portuguesa tudo o que de mais bello o Brasil encerra.

E quando menos se suspeitava o seu acanhamento, quando se o considerava dedicado exclusivamente á sua musa, surge revoltado, contrastando o passado e o presente, appellando para a mocidade culta em discursos que só por si o immortalisaram, convidando-a para emprehender através da alma brasileira «a grande e deslumbradora viagem da Fé!».

Amedrontado pela «mingua de ideal que nos abate» e porque «sem ideal, não ha nobreza de alma, sem nobreza de alma não ha desinteresse, sem desinteresse, não ha cohesão, sem cohesão, não ha pátria», elle chamou «ao campo os ephebos em que o ardor sagrado contrabalançava a experiência e em que o impeto da fé supria a imaturidade dos annos».

E cheio de amor elle fala aos moços «como poeta, e como velho e impenitente estudante», que ainda não sabe subordinar os seus sentimentos, que na pureza dos vinte annos ainda não comprehende a corrupção, e lhe pede «assistência á pátria enferma». E sentindo que a sua molestia era em tudo comparável ao *cancro*, diz: «Este carcinoma de estructura moral é a indifferença; e os seus tentáculos ferozes insinuando-se, ver-rumando, terebrando, infeccionando, resumando uma baba viscosa e mortifera, desaggregando e devorando a presa, — são a fraqueza d'alma, o desanimo, o egoísmo, a autolatria, o amor exagerado do luxo e do dinheiro, a falta de patriotismo e o anniquilamento do carácter proprio pelo desdém dos interesses sagrados da comunhão».

Concitando a combater sem tregos o «arrivismo» — «hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda», elle analysa a epidemia, «que tende a transformar-se em endemia» e salienta: «cada um quer gozar e viver sózinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como fôr, através de todas as traições, por cima de todos os escrúpulos. Assim, a comunhão defaz-se e transforma-se em acampamento barbáro e mercenário governado pelo conflito das cubiqüas individuais».

«É horrível pensar, disse elle, que esta ex-plendida construções de quatro séculos possa ser desmantelada pela inercia, pela ignorância, pela preguiça moral, pelo egoísmo!» Com esta pre-occupação constante, com esse amor que é a essencia de todos esses períodos que traduzem em «palavras claras» a situação de hontem e de hoje, o sublime poeta formulou o programma que no seu dizer «é simples e velho: a educação cívica, firmando-se na instrução primária, profissional e militar.»

Tudo esperando da mocidade e reconhecendo que no seio das classes armadas muito havia de aproveitável, elle pregou o serviço militar como «o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da cohesão; o laboratorio da dignidade propria e do patriotismo». Prêgou, e embora fossem isoladas algumas das suas plárrases para preparar um ridículo que nunca lhe poderia atingir, embora até hoje se não tenha preparado o meio de realizar completamente o seu sonho, as esperanças rolavam na urna e uma a uma cahiam, indicando os que devem corresponder ao seu appelo, na mesma hora em que o seu corpo descia á sepultura no meio das bençãos de todos os que eram dignos dos sentimentos que exaltava.

Elle morreu com a alegria de saber principiada a sua obra e ainda manifestou o seu contentamento com a idéa governamental de contratar officiaes estrangeiros para aperfeiçoar a nossa instrução militar.

Longe da pátria quando explicava o seu nacionalismo, caracterisou perfeitamente as razões que o animavam, dizendo:

«Sou amigo da paz, mas inimigo da fraqueza e da inercia, que levam á miseria; sou amigo da liberdade, mas inimigo da desordem e da licença que conduzem á escravidão. Os que estamos, no Brazil, defendendo a necessidade da disciplina militar, somos pacifistas; mas não temos sobre os olhos a venda enganadora, que tapa a vista dos utopistas.»

E

«Para as pátrias pequenas ou fracas, a unica salvação é um patriotismo grande e forte; e este patriotismo, é o nacionalismo bem comprehendido, que é defesa natural do organismo social.»

E' fraca a nossa pena para dizer quem foi Bilac, para exaltar a sua obra e para descrever o reconhecimento do Exército e a dor com que soffreu o seu trespasso.

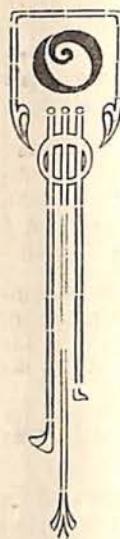
Resta-nos o consolo de saber que, entre a mocidade por elle tão amada, ficaram discípulos seus e que já uma opinião, crystallina e pura na sua logica e simplicidade, traçou a maneira de se conservar a acção do grande morto e cultuar a sua memória.

«Nem lagrimas, nem panegyricos. Pres-temos todos o nosso concurso ao apostolado do poeta, e assim teremos cercado a memoria do Olavo Bilac, tão grande engenho, tão bom, tão nobre, o melhor de todos os cultos, que poderíamos offerecer-lhe mesmo os que mais de perto o conhecemos, admirámos e amámos, os que não podemos reter o pranto á beira deste tumulo glo-riosos: «Em marcha vitoriosa para o ideal».

Palavras extraordinárias com que o illustre brasileiro dr. Pedro Lessa, expoente incontestável da nossa justiça, do nosso criterio, da nossa cultura e do nosso patriotismo, interpretou os sentimentos da Liga da Defesa Nacional.

Ellas valem pela mais formal e a mais bella das promessas; repitamol-as e não deixemos que morra quem desejou nossa Pátria «forte para ser bôa, armada para ser justa e rica para ser generosa».

"Tudo se desarticula, desloca e desconjunta..." A cavação. Confiamos nas autoridades.



Snr. Alvaro Baptista, um dos raros positivistas cujo procedimento mantém alguma coerencia com a doutrina de Conie, discursando contra a missão militar de instrucção, numa das ultimas sessões da Camara, avançou o seguinte conceito: «Acho que tudo se desarticula e se desloca todos os dias, e todos os dias se desconjunta.»

Realmente, todos temos a impressão que o illustre deputado manifestou com relação á nossa administração publica e só lamentamos que S. S., como aliás é natural, não possa reconhecer a grande parte que cabe á sua doutrina philosophica e principalmente aos seus falsos sectários, na preparação deste estado de cousas em que tudo se desarticula, desloca e desconjunta; em que o puder e a honra se diluem nas conveniencias; em que tudo se destróe ou se corrompe e se desmoralisa.

O illustrado representante da nação usando a linguagem mais commedia que lhe foi possível, evitou que os annaes do Congresso registrassem, mais ao vivo, as impressões generalizadas e, por isso, não disse que havia em quasi todos os actos publicos, a preocupação de tudo nivelar pelo ponto mais baixo, de tudo referir, não ao ideal de perfeição tão sonhado pelo homem e que nos arrastaria para o progresso, mas ao mais triste e mais consummado padrão das realidades corriqueiras.

E' pena que o brado do nobre deputado se levantasse em meio do combate a um projecto que, entre outras vantagens, talvez apresente a de permitir que S. S. verifique toda a utilidade de uma bôa organisação militar. Sim, porque esse exercito que S. S. deseja dissolver em homenagem ao seu crédo, tem, de facto, muitas falhas e, de parte as campanhas do passado regimen, a proclamação da Republica e o restabelecimento da ordem perturbada por interesses politicos conhecidos, em diferentes regiões do paiz, nada mais tem podido fazer.

Até pouco tempo se lhe negava o papel de educador e, até hoje, se-lhe impede a preparação para a defesa, dentro dos justos limites constitucionaes, porque não dispõe das leis indispensaveis á resolução dos seus principaes problemas.

Tudo se desarticula e entre as primeiras victimas andaram essas classes armadas que tanto arrepiam e que, talvez por isso mesmo, sempre

tiveram existencia incompleta ou duvidosa; todos sabem que quando tivemos armamento não tivemos effectivos, quando conseguimos armamento e effectivos, ficamos sem fardamento, cavallos e quarteis, e quando, por muito pouco tempo, chegamos a reunir esses elementos, surgiram leis, influencias e temores, contribuindo solidarios para a burla de todos os deveres profissionaes e, consequentemente, para impedir a aprendisagem necessaria.

Tudo se desloca e por isso não são as necessidades do paiz que dictam as suas leis e impellem a sua administração. Ao contrario, o paiz é que se curva ante os interesses pessôaes de algumas duzias de individuos e sobre esses funda, reduz, amplia ou elimina serviços de qualquer valor. O favoritismo deslocou para segundo plano as necessidades do estado e o estado se transforma em algoz do povo para sustentar o prestigio das camarilhas insaciaveis.

Tudo se desconjunta e não podiam ser outras as consequencias da fraqueza, irresponsabilidade e incompetencia dos governos. Assim iremos até que surja um brazileiro de tempera que se interesse igualmente pelo Amazonas e pelo Rio Grande, que ame o Brazil inteiro e tenha como unico escopo a sua grandeza e a felicidade do seu povo. Enquanto pregarmos igualdade entre nações grandes e pequenas e não cultivarmos siquér a **igualdade entre os nossos estados**, enquanto a União, atravez dos seus recursos e cargos, fôr um joguete de interesses regionaes e sectaristas, enquanto os brazileiros se educarem na contemplação das patotas, dos conluios e das injustiças, tudo tenderá para desconjuntar-se.

Não será, porém, o instructor estrangeiro que virá augmentar as tendencias manifestas, para que tudo se desarticule, desloque e desconjunte; ao contrario, tal como parece pensar o governo, as lições de mestres imparciaes, si elles fôrem competentes e experimentados, melhor contribuirão para que o Exercito, *enquanto existir*, seja um elemento compensador dessas tendencias inconvenientes.

Mas, deixando de parte a missão militar estrangeira, incidentemente lembrada entre as nossas considerações, continuamos ao lado do illustre deputado, para affirmar, com a sinceridade costumira, que não conhecemos os problemas resolvidos entre nós, articulando todas as suas partes essenciaes, localisando devidamente as atribuições, os direitos e os interesses da collectividade, conjugando as capacidades comprovadas, os esforços realisados e as aspirações legitimas.

O que temos visto é o predominio mal disfarçado de uma politicagem desbragada e im-

moral; é o cultivo das idéias dissolventes e anarquicas; é a criação e justificação do político (?) profissional que tudo corrompe, advoga e trahe para conservar o seu *emprego*; é a mais accentuada indifferença pela Patria dominando desde a educação da creança até a legislação e a justiça que permite a completa impunidade dos crimes que só a Ella affectam; é a mais completa irresponsabilidade protegendo os audaciosos sem escrupulos e prejudicando os que têm pudor; é enfim a licença para ensinar, desenvolver e realizar tudo que possa garantir, em futuro próximo, a desagregação e a anarchia.

Deste modo, convenhamos, só ha um programma vitorioso, só uma impressão real, só uma consequencia logica: tudo se desarticula, desloca e desconjunta porque esse é o ideal, o desejo e o fructo do esforço de quasi todos os *esradistas* que o Brazil tem produzido nestes ultimos tempos.

Em compensação quasi todos são ricos e felizes, poucos se sacrificaram na defesa de um ideal e para conhecê-lo é preciso recorrer ao Diario do Congresso, ou a uma agencia de informações.

E' doloroso constatar que o povo tem mantido inconscientemente alguns órgãos que, em vez de salvaguardar a sua riqueza, os seus direitos, o seu progresso, a sua soberania e os seus brios, transformam-se em agremiações subalternas encarregadas de repartir a riqueza publica, estorquir-lhe direitos e crear-lhe deveres sem justas compensações; de entravar o seu progresso sempre que elle collida com as ambições da politicagem e seus exploradores; de reduzir a sua soberania a um sonho dos que ainda não comprehenderam o meio, um simples trâmite legal para as imposições externas e internas; de chafurdar a sua moral, a sua religião e a sua defesa na lama das conveniencias, dos agrados e da covardia, que perpetuará no mundo todos os males, impedindo o surto das consequencias de qualquer organização moral realisada ou ideada.

E os homens de governo surgem e se substituem, sobem e dominam, mas o Brazil, o pobre Brazil de existencia quasi incerta, não consegue penetrar no coração desses magnatas, dominar-lhes os impetos malsãos, despertar-lhes sentimentos elevados de amor e sacrificio pela sua causa, abrir os seus ouvidos ás supplicas dos que o estimam, fixar os seus olhares na contemplação dos horizontes tão definidos de miséria, corrupção e desintegração, impressionar o seu tacto com a grandeza natural que em toda parte se manifesta apontando a materia de que se poderiam fazer estatutas para significar o seu patriotismo.

* * *

No meio dessa situação prenhe de incertezas surge um novo *merito*, um processo novo para vencer e progredir facilmente.

E' tal a sua precisão, são tais os seus resultados e tal é a franqueza e naturalidade com que o aceitam e mesmo cultivam alguns homens de responsabilidade, que delle talvez surjam a moral apropriada á época e os novos processos sob os quais tudo será organizado.

E esse parto da montanha que deverá ser um fructo da experiência, uma demonstração do valor da nossa raça, o producto de um seculo de trabalho e independencia, é o que vulgarmente se chama a *cavação* — recurso incomparavelmente superior a todos os conhecidos e até agora usados, synthese de todos os processos immoraes e corruptores, ufanando-se com o apreço de gente que se diz fina e apparenta moralidade.

Esse moderno processo vive da astuciosa contracção, interpretação e invenção das leis; das perturbações e dificuldades resultantes da nossa vivida burocracia; da corrupção e falsidade administrativas; da conversão de energias uteis e productivas em um jogo de espertezas convenientemente systematisadas para obter através de concessões graciosas o que devia ser premio do labor honesto.

A *cavação* se reveste sempre de aspectos e considerações tendentes a demonstrar que o interessado é uma vítima do trabalho, um espoliado nos seus direitos, um tipo zeloso, progressista, intelligente, insinuante, que sabe pugnar pelos seus interesses, e mais... pela causa dos opprimidos!!

O *cavador* pretende ter grande merito. Elle descobre na pontuação das leis e sua analyse, as mais reconditas intenções do legislador; elle raramente cava sem pareceres de jurisconsultos e outros documentos que a seu modo muito significam; não ha duvida que a sua energia ao serviço de uma causa nobre, daria resultado de grande vulto.

O *cavador* é um tipo liberto dessas pequenas cousas que a moral christã nos inculcou no espírito e procuramos conservar avaramente; os fructos da falta de escrupulos que tudo justificam e animam, dão-lhe a consciencia de uma superioridade indiscutivel!

O *cavador* se considera um membro permanente de todos os governos; elle se insinua geitamente e geitosamente altera a interpretação das leis que o interessam ou alcançam seus clientes ou comparsas; a pretexto de salvaguardar seus direitos elle se mette em toda parte e por toda parte consegue atenção ou piedade.

O *cavador* não confia systematicamente na justiça, mesmo quando estão em jogo os seus le-

gitimos e reconhecidos direitos; como é natural, sua consciencia não descança, e por isso, nos actos mais simples elle pretende coagir disfarçadamente as autoridades ou, fingindo apurada educação, bajula e se promptifica á pratica dos actos mais repugnantes, desde que delles resultem as vantagens almejadas.

O *cavador* é um typo difficil de evitar, não só pela maneira com que illude, como pelo conhecimento perfeito que tem de todos os processos imaginaveis para assaltar a bôa fé.

A *cavação* passará á historia como o melhor caracteristico desta epoca e a maior conquista da nossa fraqueza e do nosso liberalismo falso e politiqueiro.

Apesar de todas as difficultades, cumpre combater resolutamente o desenvolvimento da cavação, impedir que ella attinja no Exercito ás proporções em que é aceita nas classes que só cultivam o dinheiro.

A profissão militar é toda feita de sacrificios e resignação; as classes armadas mais do que quaesquer outras instituições, precisam ser dirigidas, reguladas e educadas na subordinação dos interesses individuaes aos do povo ou melhor da Patria.

Nesta subordinação reside todo o nosso valor e a unica distincção que podemos ambicionar legitimamente.

E' preciso que todos saibam que não somos ou não queremos ser *aproveitadores da Patria* e sim seus defensores convictos; que não somos ou não queremos ser *exploradores do povo* e sim os guardas do seu brio e dos seus direitos, sempre vigilantes e promptos a tudo despresar por elle.

Formemos esse conceito e o comprovemos porque a nós virá o que fôr justo e razoavel; a verdade não é cousa que se esconda por muito tempo.

* * *

Não é sem pesar que «A Defeza Nacional» analisa estas e outras questões, incontestavelmente momentosas.

E' o seu fim, é a sua missão pugnar ao lado do aperfeiçoamento profissional das classes armadas, pela sua elevação moral, pela formação da confiança indispensavel á sua existencia.

O seu titulo ainda promette mais, dentro delle não podemos recuar e, como já o temos afirmado reiteradamente, marcharemos sempre sem olhar susceptibilidades ou conveniencias.

Ferem-nos profundamente os actos que atacam a nação e tambem os que diminuem as classes armadas.

A nossa revolta é tanto maior quanto mais justificado fôr o ataque e mais verificada a culpa. Ao menos no que depende dos es-

forços pessôas não se justificam deslizes ou fraquezas que a todos compromettam ou envolvam interesses superiores do paiz.

Os jornaes cariocas trataram por vezes das emendas orçamentarias e de projectos sensacionaes como os de promoção dos estudantes para os annos immediatamente superiores aos que cursavam. Essas questões tambem prendem a attenção de todos e constituiam assumpto predilecto para as discussões e palestras.

O jornal X disse que um capitão do Exercito frequentava assiduamente os corredores do senado e redigia emendas destinadas a virar os orçamentos... naturalmente o da guerra.

O senador A mostra-se enfastiado com os pedidos constantes e justificações com que alguns officiaes o importunam e lhe tomam o tempo, não deliberando enxotá-los por mera attenção para com o Exercito.

Senadores e jornaes commentaram que em certas sessões do senado, não só houve um bom numero de officiaes interessados numa emenda, como esses mantinham uma attitude de pedintes, pouco apropriada.

Deputados C e D extranharam o numero de alumnos fardados na camara quando se discutia um projecto de seu interesse, etc., etc.,...

São varios os casos que evitamos citar; o que importa é o exemplo que ahi fica proliferando e os conceitos que atingem a todos os que vestem a mesma farda e fazem crêr que o Exercito se interessava por alguma cousa em que não bastava a acção e a palavra do seu ministro.

Si o exemplo não produziu ainda commissões de sargentos e praças é porque estes, como os officiaes da tropa, trabalham de 8 a 12 horas por dia; esses officiaes pouco tempo têm para estudar e attender a suas famílias e aquellas praças são orientadas e educadas com uma comprehensão do seu officio que não lhes permite tão restrictos horisontes.

Mas o Exercito tem actualmente 2400 officiaes, dos quaes pelo menos 90 % nem sabem o que pretendem os seus camaradas que vivem importunando senadores e deputados com os seus interesses privados, e a Escola Militar tem 500 alumnos dentre os quaes tambem 90 %, pelo menos, não souberam nem autorisaram a demonstração de seus camaradas.

Convém, portanto, que o Congresso saiba que os pedintes a que alludimos não tem autoridade senão para fallar em nome das suas ambições incontidas, e que a generalidade dos officiaes aguarda confiante a acção das autoridades constituidas, no que concerne aos seus interesses.

O que desejam realmente os 90 % dos officiaes do Exercito que nada pedem para si indi-

vidualmente, é que o Congresso não attenda aos *cavadores* e não conceda leis pessôas por que estas os prejudicam, os humilham e desorganizam os quadros ou os serviços.

O Exercito prefere uma acção mesmo defeituosa ou incompleta dos seus chefes, ás cavações dos ambiciosos que se inculcam seus salvadores.

Elle estimará, destacará, admirará os representantes da nação que contribuirem para combater a cavação e restringir a avidez dos cavadores de farda.

E nós que, de um modo geral, não os conhecemos nem tanto desejamos, lembramos-lhes que convém confiar nas autoridades.

Principalmente agora, como em todos os principios de governo, todas as esperanças são justificaveis. Si mudaram os homens e a orientação pode não ser a mesma, tanto os descontentes do quatrienio passado como os que estavam delle satisfeitos, podem esperar que se faça sentir a nova administração.

Além de tudo é esse o nosso dever e si pretendemos cooperar sinceramente para a grandeza da Patria e das classes armadas, não é digno, nem justo, nem justificavel, que principiemos querendo tirar em autoridade e recursos, aquillo que é indispensavel para a construcção sonhada.

Meditem os moços e todos os homens de bôa vontade sobre as verdades que vimos de affirmar, reflectam sobre esses actos bons ou maus — segundo seus sentimentos — mas que são manifestações de energia, lembrem-se que a maioria ainda resiste e reconheçam que muito podemos fazer dignamente, obter regularmente, sem que nos façam corar as opiniões de quem quer que seja, sem que concorramos para que se desarticule a hierarchia; se desloque o soldado da sua posição de honra que é o seu melhor patrimonio e se desconjunte o Exercito.

A Missão

Creio que sou aqui o primeiro a escrever sobre missão, agora que está assentada a sua vinda. Nisto, nenhum sacrificio, nenhuma difficultade. Os nossos dez annos de despertar ventilaram, em inimitáveis debates de factos e exemplos, todos os problemas; todas as questões têm a calva á mostra. Desmascararam-se todos os preconceitos. Confundiram-se inúmeros prejuizos. Feriram-se de mórté as creações da rotina. E não ha, então, quem desconheça quanto ainda exige a nossa efficiencia militar. Conceituar, hoje, so-

bre a vinda de uma missão para o exercito é muito simples. Basta relembrar esses dez annos de factos e exemplos.

D'umas vezes as ideias dos chefes responsaveis teem sido vasias de tudo — nem vontade de acertar, nem de errar; preoccupações que são as da gestão. D'outras, palavras cheias de verdade, mas execução impressa e só impressa — indiferença pelas responsabilidades; fetchismo pela acção resolutiva do tempo; despreso pelo caracter dos mais; desdem pelos surtos nacionalistas. Quasi sempre, o apego ás honras e remunerações — ausencia de fé; nenhum patriotismo; deshonestidade profissional; malbaratamento das energias que alguns queimam.

Por outro lado, gerações fingindo de salvadoras — occultando-se sob o afanoso sacerdocio de alguns representantes seus; deixando-se poluir pelo contacto com as perversões de todas as toierancias; rindo, bastardamente de tudo e de todos.

Ainda uma legislação dissolvente — forjando leis contra os mais elementares preceitos de organisação; cortando verbas, onde elles imprescindem; concedendo despezas, onde se poderia economizar. E, asfixiados n'este dantesco soffrimento, officiaes de todos os postos — dispersando esforços; trabalhando cada um por uma centena; amargando incriveis desgostos; escarnecidios, calumniados e sem futuro.

* * *

Quem poderá ser contra a missão? Respeitada a opinião de certos chefes que as circumstancias cortavam-lhes os arroubos, ninguem. Só o amór á irresponsabilidade, a ausencia de ambições militares, a falta de patriotismo, poderão conduzir a um protesto contra a vinda da missão.

A parte activa do Exercito precisa pensar que não lhe tardam os cabellos brancos e que esfalfados depois de uma lucta sem fim, a morte cerrar-lhes-ha os olhos com a piedade com que faz a todos os sonhadores. Quem trabalha pelo Exercito, madrugando nas praças de exercicio, gastando-se nos labores militares de gabinete, arrostando a inveja e o desdem da maioria, não sonha. A esses não cabe aquelle gesto piedoso da mórté. O que se quer é a execução das ideias, é a realisaçao do inadiavel, é a objectivaçao da defesa do paiz. E esse querer não pode e não deve continuar ás expensas do utilitarismo, da falta de escrupulos, da

incapacidade moral, seja de quem fôr. O exercito nacional precisa de uma missão estrangeira.

* * *

Lastimemos, todavia, que não possam vir até nós os nossos mestres. Essa impossibilidade dá o que pensar respeito a vinda de uma missão militar. Serão dez annos de doutrina *ainda valida, talvez*, a serem destruidos. Serão dez gerações de reservistas que despresando um material terão que se afeiçoar a outro. Será a quasi inutilidade de se ter enviado officiaes á Europa em outros tempos. Parece-nos que o projecto em andamento não dá margem á escolha da nacionalidade da missão. Será imposta a missão franceza. Mas, no caso de livre escolha não solveria o problema uma missão japoneza? O exercito do Japão merece bem o nosso appello. Tem tradições de organização e valor que compensam fartamente quaequer preconceitos de raça, além de que copiou o mesmo modelo que adoptamos. E respeito á raça, resalva-lhe a sorte, a promiscuidade de cõr das tropas da frente occidental, quando a humanidade esquecida por instantes da liberdade dos mares pensava defender a Justiça e o Direito.

Mas a vir de França a missão que os homens publicos acham indispensavel, para que cumpram com os seus deveres é mistér impôr-lhe clausulas para que não venha fazer de macaco em loja de louça.

Se se atravancar a nossa ordem de batalha com as extravagantes formações que a guerra européa exigiu dos contendores, mais tarde, com todas essas extravagâncias seremos corridos a cabo de vassoura pelas divisões manobreiras das cochilhas do sul. Se se intentar uma nova regulamentação das armas e serviços quebrando a doutrina, já accepta pelo nosso quadro de officiaes, se fomentará a desordem e o descredito. Só espartilhada em rigorosas e intelligentes clausulas poderá dar resultado uma missão franceza para o nosso Exercito. Mas que venha a missão franceza. Seja esse o ultimo sacrifício.

O que se precisa é de um ferrão para que se vote o que se necessita e não se dê pistolão a officiaes sem escrupulos que vivem pedinchando pelos bastidores do congresso e das secretarias. O que se precisa é substituir a incapacidade nacional pela capacidade estrangeira. Que venha uma missão militar para o Brasil.

Tte. *Mario Travassos.*

Da Província

Do 3.^o R. C.—Bella Vista. Matto Grosso. —... Nós aqui estamos nas mesmas condições, ou peiores, que os corpos do Rio Grande; basta dizer que não temos quartel, não temos cavallos, não temos fardamento, não temos um medico para attender aos doentes, finalmente até o cdte. teve que afastar-se por causa de um dos celebres conselhos de guerra de insubmissos. O nosso regimento supplica providencias. Estamos internados 43 legoas da 1.^a esatção da estrada de ferro...

* * *

Do 5.^o R. A.—Campo Grande. Matto Grosso. —... Quanto ao regimento aqui, é o que se pôde imaginar de ruim, começando pelo quartel que é um velho barracão de madeira em dois lances, onde está tudo amontoado; até a cavalhada, sem falar em pessoal e material, tudo está mal. No quartel estão apenas alojadas duas baterias, pois não ha lugar para mais. A administração está mal alojada, os commandos de grupos estão em dois cubiculos separados por tabôas, a intendencia extremamente acanhada. Ha uma coberta velha de zinco a que dão o nome de baías e outra semelhante, chamada parque, onde estão doze canhões tiro lento e seis T. R.; a instrucção é o que se pôde imaginar de atrazado. Actualmente commanda o regimento um 1.^o tenente de artilharia; ha um de infantaria e um de cavalaria addidos, e **até o veterinario e o picador exercem funções de combatentes**: secretario, intendente e commando de baterias....

* * *

Do 13.^o R. I.—Corumbá. Matto Grosso. —... regimento com 2 batalhões apenas, dez officiaes, falta de 44 sargentos e sem pessoal habilitado para preencher essas vagas. Pagamento ás praças sempre em atraso de 3 mezes e mais, apesar de rogos e reclamações. E haja administração e instrucção e disciplina. As praças de 2 batalhões alojadas num pavilhão construído para uma companhia. Junte-se a isso o assalto dos commerciantes que exigem preços verdadeiramente fantasticos para os generos de 1.^a necessidade....

* * *

Do 8.^o R. A.—Cruz Alta. Rio Grande do Sul.—Commanda o R. um capitão, é fiscal um 1.^o tenente, commanda os 2 grupos um 1.^o tenente e commanda todas as baterias, é ajudante do regimento e dos grupos, secretario, professor e intendente **um aspirante**...

* * *

Do 2.^o R. A.—Coritiba. Paraná.—Isto por aqui continua pessimo. Não se pôde trabalhar. Pessoal ha de sobra, mas não ha cavallos, não ha officiaes. Somos apenas sete (1 ten.-coronel, 3 capitães e 3 primeiros tenentes); temos que nos multiplicar e o rendimento dos esforços é insignificante...

* * *

Do 16.^o G. A.—Itaqui. Rio Grande.—Está apparelhado para trabalhar: as duas baterias

tém seu material, tem cavalhada e tem bastante pessoal. Mas não pode trabalhar: faltam officiaes.

E si cette histoire vous embête... poderemos continuar. Até quando?...

Administração militar Ao que se sabe o Exm.^o Snr. Ministro da Guerra e o Snr. General Director da Administração estão seriamente empenhados para que os nossos conscriptos encontrem em seus corpos o fardamento e o equipamento necessarios.

E a primeira medida tomada para esse fim é tão simples, tão pratica e tão valiosa que não podemos deixar de transmitti-la aos nossos camaradas da tropa. «Os fornecimentos vão ser feitos de acordo com os effectivos fixados e independentemente dos pedidos que poderão entrar depois.» E ahi está como se resolveu um importantissimo problema sem que possa haver o menor prejuizo e com vantagens moraes e materiaes que só pode avaliar quem já sentiu as consequencias do regimen antigo.

Sabemos tambem que o fornecimento já foi iniciado a partir das unidades mais afastadas e de mais difficeis comunicações.

Deste modo, adiantamos, a tropa sentirá que desejam, querem e poderão exigir que ella seja bem administrada e aproveite devidamente o tempo destinado á instrucção.

Assumptos Navaes

FORMULAÇÃO DE ORDENS

(Almirante Austin M. Knight. U. S. N.)

Na memoria escripta a respeito do «exame da situação» deu-se muito valor á rigorosa obediencia a uma «forma-padrão». A razão de semelhante insistencia reside no facto de ser a «forma» um «guia» que evitárá a omissão de qualquer item importante; e que, obedecendo rigorosamente a essa forma em nosso treinamento, desenvolvemos um habito do qual nos resultará seguir-a mais ou menos automaticamente na vida practica.

Na «formulação de ordens», uma «forma» padrão é ainda mais importante do que no «exame da situação», por isso que ali estamos transmitindo nossos pensamentos e nossos planos a ou-trem, com o perigo, inevitável em tais transmissoes de cerebro a cerebro, de haver accidentalmente omissão de informaçoes ou instruções — essenciaes — ou falta de clareza na redacção,

que será perniciosa á comprehensão dos nossos intuitos por aquelle a quem confiamos a execução dos nossos projectos.

O uso de uma forma, igualmente familiar, tanto a quem formula a ordem como ao que a recebe, com elementos determinados de informaçao e de instruçao, define posições, simplifica muito o trabalho da redacção e reduz extraordinariamente o perigo della não ser convenientemente comprehendida.

A forma de ordens, no seu conjunto, está assim posta em base diversa da adoptada para o «exame da situação»⁽¹⁾ e é tão útil a um velho official como a um principiante da carreira; e ambas auxiliam a preparação de uma ordem com garantia de que ella será comprehendida por quem quer que a receba.

Isso não significa que uma ordem deva ser sempre escripta com a minuciosidade de todos os detalhes.

E' perfeitamente claro que em varios casos isso está fóra da discussão.

Ordens são igualmente dadas verbalmente e ás pressas, mas devem invariavelmente ser distinguidas por certos caracteristicos que as façam claramente intelligíveis e habilitem o official que as recebe, a compri-las, não somente com lealdade, mas com lealdade illuminada e orientada pela intelligencia. Ha ordens de varias especies, exigindo e permittindo varios graus de precisão na sua formulação.

O modelo na «ordem de campanha» dada por um superior a um grupo de subordinados, determinando a execução de um plano geral de operações através a distribuição de varias tarefas a cada uma das forças, nos mostra o typo a adoptar.

Mais adiante examinaremos essa «ordem» em seus detalhes e depois consideraremos quaes as modificações de forma, que são permissíveis nos casos em que essa alteração é necessaria ou desejavel.

O primeiro passo para a comprehensão da «forma da ordem» é a comprehensão do que significa uma «ordem», na sua accepção militar, distinta de «commando».

A distinção entre esses termos surgiu ha alguns annos na E. N. de Guerra; e, se bem que ainda não tenha sido universalmente acceita, constitue, todavia, assumpto de tamanha importancia e de tamanha conveniencia, que a discutiremos aqui exaustivamente.

O assumpto foi muito bem analysado nos seguintes paragraphos do trabalho publicado pelo Commandante W. L. Rodgers, ex-Director da Escola Naval de Guerra: «Um commando», diz elle, é uma injuncção á practica de um certo acto; ou para executar um determinado papel n'uma dada orientação.

«Um commando é propriamente dado quando: a) O Commandante conhece perfeitamente todos os factores relativos á execução; ou, b) quando não tem confiança no criterio e habilidade do subordinado e acredita que maior efficiencia resultará de uma accão inflexivel, consequente de um «commando», do que da accão mais flexivel que se deseja e se pode obter quando o subordinado merece poderes discricionarios.

(1) «Forma» do «exame da situação»: 1) situação geral; 2) situação particular; 3) forças inimigas — seu poder, disposição e provaveis intenções; 4) nossas forças — seu poder, disposição e partidos a tomar; 5) decisão.

Um «commando» é impropriamente dado quando o superior recusa aproveitar-se da habilidade profissional e conhecimentos locaes de um subordinado distante, encarregado de attingir um dado objectivo.

Uma *ordem* é uma injuncão para cumprir uma certa «missão», na qual aquelle que a dá aproveita-se da intelligencia, capacidade profissional e boa vontade do que a deve executar e deixa-lhe a iniciativa e discreção correspondentes, na execução da *ordem*.

A *informação* sobre a qual o executor pôde basear a sua acção intelligente é parte necessaria da *ordem*. Nem sempre é preciso que essa informação seja expressa no proprio corpo da *ordem*; mas, se não figurar alli, quem dá a *ordem* presume que a referida informação chegue por outra qualque fonte ao conhecimento de quem a executa.

Os seguintes paragraphos do trabalho «Exame da Situação» (que deve ser estudado antes deste) dão ainda outros particulares sobre os caracteristicos de uma «ordem».

... «Do exposto anteriormente se conclue que, assim como a *missão* de um chefe resulta directamente das *ordens* que elle recebe, as *ordens* que elle dá aos seus subordinados resultam, directamente, da sua *missão*.

Assim a *missão* está presa, de ambos os lados, a *ordens*: emanando de *ordens* recebidas e dictando *ordens* a serem expedidas.

E' importante que essa relação entre *missão* e *ordem* seja perfeitamente comprehendida.

Cada situação militar, resultante de um estado de guerra, deriva a sua importancia da relação que existe entre a situação local e a situação geral da guerra. A mais feliz conducta da guerra exige que cada um de seus actos seja orientado para a consecução do objectivo da campanha. Guerra não significa simplesmente lutar para pre-judicar o inimigo, mas sim lutar para a consecução de um objectivo definido. E desde que cada acto da guerra esteja em harmonia com esse objectivo geral, é evidente que haverá uma orientação unica, superior, para dirigir todos esses actos. Essa orientação superior, esse «supremo control» — no campo de operações — é exercido pelo Commando em Chefe. Elle é conchedor do objectivo geral. Seus planos distribuem as «missões» ás forças. O sucesso desses planos depende da intelligencia com que seus subordinados executam a parte que lhes foi atribuida. Se estes, por iniciativa propria e sem necessidade, alteram a parte que lhes coube, o Commandante em Chefe, neste caso, não estará mais operando segundo um plano geral, mas sim com varios planos parciaes. Pode acontecer que um desses planos parciaes seja bem sucedido, mas esse «exito» não terá importancia porque não aproveita ao plano do conjunto. As considerações acima mostram claramente porque a «missão» deve normalmente ser derivada das «ordens» e indicar a grande importancia de escrevermos essas «ordens» de modo tão claro que ellas não possam ser mal interpretadas, e tão comprehensivelmente que nenhum detalhe possa ser omittido. O official que recebe uma «ordem», desde que esta deve guial-o na

apprehensão da sua «missão», deve achar nella, tanto quanto possivel, tudo o que elle necessita para isso.

Elle deve relacionar-se o mais possivel com todas as condições que são necessarias para uma intelligente comprehensão da situação, esclarecendo-se, principalmente, na informação em que se baseia e qual o objectivo visado; isto é, o objectivo que as autoridades superiores têm em vista.

Collocado, tanto quanto possivel, no ponto de vista do seu Commandante, o official que recebe a «ordem» está em condições de aceitar essa «missão» com lealdade ligada ao espirito de iniciativa — que é o ideal da obediencia.

Veremos daqui por diante, considerando a forma de *ordem*, que a «informação» acima referida como essencial, está incluida nos paragraphos 1 e 2 da forma para «escrever a *ordem*» que foi adoptada como padrão; e que o paragrapho 3 da mesma *ordem* contem as instruções precisas, dadas pela mais alta autoridade ao seu subordinado. Ha, certamente, condições nas quaes as ordens não podem ser dadas com uma ideal perfeição e formalidade; mas cada *ordem*, ainda que breve, quer seja escripta ou verbal, deve — para ser uma *ordem* na verdadeira acção militar deste termo — conter o essencial desses paragraphos; isto é, deve acompanhar o disposto no § 3 (forma de *ordem*, missões parciaes) com uma explicação do objectivo visado pela *ordem* e a informação sobre a qual a *ordem* se baseia (§ 1).

Com esses principios geraes em mente, proseguiremos considerando em detalhes a feição que deve caracterisar a *ordem* para uma operação militar:

1) O plano geral de operações para a qual ella contribue (§ 2).

2) A missão atribuida a cada força que toma parte nas operações em vista (§ 3).

Não ha, por certo, nenhum principio aqui estabelecido fixando a forma exacta a adoptar na successão dos varios ítems dessa lista; ha, entretanto, um principio que estabelece a obrigação de que todos os ítems estejam ali incluidos. E isso exige uma forma com a qual os commandantes e subordinados estejam familiarizados e na qual encontrem a consubstanciação dos aspectos geraes que ella envolve.

Essa forma foi desenvolvida, experimentada e adoptada como padrão para a Escola Naval de Guerra e para o Serviço Naval. Elle crêa um campo comum para o encontro intellectual dos que concebem e decidem a *ordem*, com os que a recebem, interpretam e cumprem.

Sempre que as circunstancias permittirem, a forma deve ser empregada inteiramente.

Os casos nos quaes ella possa ser assim utilisada serão mais communs nas *ordens* estrategicas do que nas tacticas; e, provavelmente, mais usuaes nas operações navaes de que nas terrestres.

Consideraremos mais adiante as modificações que são aconselháveis em certos casos, taes como nas comunicações radiographicas, signaes, transmissão verbal, etc. Quaesquer que sejam as modificações julgadas necessarias, em taes casos especiaes, devemos sempre ter em mente os principios acima desenvolvidos.

Segue-se uma *ordem* typica (de campanha) na

forma usada na Escola Naval de Guerra. Esta «forma» differe da até aqui usada, nisso; não emprega a dupla columna na sua disposição geral, na qual os paragraphos 1, 2 e 3 estavam coloados fronteiros á distribuição das «forças».

Nada ha de significativo na disposição original e o uso da dupla columna produz séria dificuldade no trabalho da dactylographia.

Ha também uma insignificante alteração na maneira de escrever a data.

«Vanguarda».

«Retaguarda».

«Força de Colon».

O título «força de Colon» é apropriada sómente no caso da força operar permanentemente nas vizinhanças de Colon.

Acontecerá, algumas vezes, que uma incumbência é dada a um simples grupo administrativo e sómente a esse grupo. Nesse caso, por certo, o nome da força não será mudado;

Modelo para ordens do commandante em chefe.

Ordem de campanha N.....

FORÇAS — (Descrições de forças)

- a) — Destacamento de exploração — Commandante : (1)
- b) — Corpo principal — (Não ha necessidade de indicar qual o "Commandante" pois é naturalmente o Commandante em Chefe).
- c) — Ligação radiographica — Commandante :
- d) — Guarda da base — Commandante :

1 — Informações sobre o inimigo.

2 — O plano conciso e claro que se resolveu executar, ou por outras palavras, a ordem formulada com nitidez, mas sem detalhes.

3 — Ordens detalhadas para cada uma das forças abaixo mencionadas :

- a) — Ordens para as forças comprehendidas no paragrapho a)
- b) — Ordens para as forças comprehendidas no paragrapho b)
- c) — Ordens para as forças comprehendidas no paragrapho c)
- d) — Ordens para as forças comprehendidas no paragrapho d)
- x) — Ordens geraes a todas essas forças.

Se fôr necessário, alguns esclarecimentos sobre as intenções do Commandante em chefe.

4 — Ordens para o comboio, navios auxiliares, e em geral a todas as forças não combatentes.

5 — Ordens e convenções sobre signaes, radiotelegraphia e cifra.

(Assignatura e posto do Commandante em chefe ou, por ordem, do seu chefe do Estado Maior.)

Segue-se a indicação do modo de distribuição das copias da ordem. (Assignatura do Assistente do Commandante em Chefe.)

(1) Por exemplo: 'Destacamento de exploração Contra Almirante Heck' — "Rio Grande", "Bahia", "Barroso", "Paraná", "Sergipe" e "Matto Grosso".

O primeiro ponto para o qual devemos chamar a atenção, em connexão com a forma acima é o agrupamento e designação das varias forças.

Repare-se que os grupos de navios são organizados de acordo com a missão e não com «tipos» ou «agrupamentos administrativos».

Uma força á qual é atribuida uma dada «missão» pôde ser composta de unidades de diversas espécies, de tipos diferentes, tiradas de varias fontes.

Ella toma seu «nome», de preferencia, da «missão» de que é incumbida; quando essa porém, não se reveste da devida propriedade para ser usada como «título», devemos nos prevalecer de qualquer característico convenientemente descriptivo, tal como a zona em que a força vai operar.

Por exemplo:

«Corpo principal».

«Destacamento Norte de Exploradores».

mas o grupo, para o fim da nossa ordem, deixa de ser «administrativo» para ser «em missão».

Assim, se a «missão» é indicada á flotilha de destroyers — em sua totalidade — nenhuma outra força entrando no grupo commissionado para desempenhar um determinado papel nas operações visadas, a designação será «flotilha de destroyers», mas isso é sempre visando a função que lhe está reservada e uma designação de «missão».

A totalidade da força é, por esta forma, dividida em grupos, de acordo com as funções que lhes são atribuidas e esses grupos são claramente especificados, cada um sob o seu título mais conveniente e com o seu respectivo chefe.

Nesse modo de agrupar, cada unidade acha seu lugar claramente definido.

Assim, eliminaremos o perigo de que qualquer unidade ou qualquer operação necessária não seja devidamente considerada.

ESQUADRA BRAZILEIRA

Nome do navio Capitanea, local, data e hora.

Essa distribuição da nossa força, por essa forma minuciosamente detalhada, é o primeiro característico da «forma de ordem».

A sua sequencia é marcada pelas letras: (a), (b), (c)....(X).

Deve ser observado que essa distribuição de força é uma parte importante da *ordem*, não só fornecendo informação, como, igualmente, dando instrucção.

Ella distribue os navios pelos grupos que devem formar e collocar-sob a autoridade de um determinado chefe.

Ella indica realmente: «O Contra-Almirante W» está designado para o commando da «Guarda da Base», e o que a esta se relaciona:

«Divisão: vinte e cinco».

«Secções: um a sete».

«Secções: trinta e nove a quarenta e dois».

O elemento de «Commando» é tão importante aqui como no § 3.

Tendo agora claramente diante de nós as forças individuaes devidamente agrupadas, devemos indicar-lhes suas respectivas «missões». Antes, porém, que comprehendam isso intelligentemente, elas devem ter uma indicação, tão completa quanto possível, das *informações segundo as quais devem basear suas missões e do plano geral de que elles fazem parte* (objectivo do commandante em Chefe).

Disso resulta esta sequencia logica:

§ 1.º — *Informação em que se baseia o plano geral.*

§ 2.º — *Plano geral para cuja execução concorrem essas «missões» individuaes atribuidas ás fracções da força.*

§ 3.º — *«Missões» conferidas ás forças postas sob commandos diversos (a), (b), (c), etc.*

§ 1º — Informações

Este paragrapho dá, syntheticamente, todas as informações colhidas pelo commandante que expede a *ordem*, que: 1.º não são conhecidas pelos officiaes aos quais se confiam as «missões» descriminadas no § 3; 2.º são essenciaes para a intelligente execução dessas «missões» ou para a comprehensão do plano geral a que se refere o § 2.

Devemos evitar encher esse paragrapho com informações que já sejam conhecidas do official a quem a *ordem* é dirigida.

E' conveniente escrever primeiro as «informações» relativas ás forças inimigas e á sua situação, e depois as que se relacionam com as nossas proprias forças.

§ 2º — Plano Geral

N'este paragrapho a autoridade superior confia os seus projectos aos seus subordinados, de modo que todos os seus esforços possam ser guiados pela obediencia intelligente e não mecanica — *obediencia apurada pela iniciativa e guiada pela lealdade.*

Conhecendo os planos do superior, os subordinados podem modificar suas linhas de ação, quando surja nova «situação», **de modo a fazer a convergir sempre para o objectivo visado pelo superior.**

Pode acontecer que a situação, que serviu de base á ordem se modifique depois que ella foi dada, de maneira que uma modificação ou mesmo uma completa alteração do plano se torne necessaria, por parte do official que a

recebe, **para fazer a sua ação contribuir ao plano que elle conhece ser o da autoridade superior.**

A nova «situação» conduzirá a uma nova «missão», exigirá um novo «exame» e dictará uma nova «decisão». A nova «missão» pôde substituir a primitiva ou adiar a sua execução, ou simplesmente determinar a introducção de uma nova medida para leval-a a effeito.

Um official que se encontrar nessa posição, comunicar-se-á, por certo, com o seu superior, se as circunstancias o permittirem, explicando-lhe as novas condições e pedindo-lhe novas instruções; se isso, porém, não fôr possivel, modificará a sua missão como fôr necessário — **tendo sempre em vista o objectivo que o seu superior está visando.** Para isso, suas ordens, se convenientemente redigidas, constituirão sua justificação e seu guia.

O espirito do paragrapho 2 pôde ser expresso assim: desde que elle caracterisa a intenção da autoridade superior, a lealdade do subordinado é mais propriamente devida á essa intenção do que á pessoa daquelle Chefe.

Personificamos aqui a *intenção* da autoridade superior e consideram-la como *inspiradora de obediencia e iniciativa.*

Isso está longe de ser phantasioso, pois na pratica, sempre que perdemos o contacto com o nosso Chefe, procuramos o paragrapho 2 para guiar-nos em qualquer situação que esteja prevista no § 3; e mesmo enquanto mantemos esse contacto é através do § 2 que conhecemos seu espirito e interpretamos os seus desejos.

Elle pode morrer sem que o saibamos, mas não nos desorientaremos se o § 2 nos dêr todas as informações do plano a que directamente pretendem concorrer as instruções do § 3.

Se mudar-se a pessoa da mais alta autoridade, continuaremos a seguir o *espirito* do § 2 como o conhecemos, até ordens em contrario.

No caso de omissão do § 2, tudo poderá seguir bem até surgir uma condição imprevista no § 2.

Assim ficaremos inteiramente desorientados, a menos que possamos recorrer immediatamente á autoridade superior para obtermos novas instruções.

O § 2 é inteiramente ligado á doutrina, segundo a qual agirão as forças.

A «doutrina» aqui considerada pôde ser assim definida:

«Uma politica que delineada por uma autoridade superior é comunicada aos subordinados como um guia que os habilite a prevér as provaveis intenções do seu superior nos casos em que não haja uma explicita declaração de tais intenções ou desejos.»

Os subordinados estarão «endoutrinados» quando houverem absorvido a doutrina, tão profundamente, que a appliquem instinctivamente em qualquer situação em que fôrem obrigados a recorrer a ella como «guia».

Mais concisamente: «Uma doutrina pôde ser um programma perfeitamente definido para as operações de uma força em definidas condições consideradas como provaveis. Só a doutrina dispensará a necessidade de instruções detalhadas, quando a transmissão de instruções fôr dificil ou mesmo impossivel.

Um caso classico é o de uma força, dispersa

para procurar um inimigo e que tem que reunir-se para atacal-o.

Evidentemente uma «doutrina», assim definida, é, de certo modo, uma extensão ou generalização do § 2 da forma de ordens.

Na ausencia de ordens ella toma o lugar do § 2 e é o «guia» para a escolha do nosso proprio § 3.

Note-se a distincão que ha entre «uma doutrina» e «doutrina» no seu largo sentido etymologico.

§ 3º — Da Missão

N'este paragrapho está indicada a «missão» de cada grupo em que a força está dividida.

A designação de cada «grupo» é aqui repetida para evitar o perigo da confusão.

A missão deve ser indicada laconicamente, porém, tão claramente que não haja possibilidade de uma erronea interpretação.

A area de arbitrio do subordinado — pequena ou larga — deve ser reconhecida e respeitada.

Em qualquer caso em que o subordinado tenha que agir á distancia, o § 3 é necessariamente laconico. A area do arbitrio é naturalmente alargada com a area das operações. Mesmo se é pequena a confiança que inspira o subordinado que tem que agir sem um contacto immediato com o commando superior, a situação não será melhorada enchendo-o com minuciosas instruções.

(X) é um sub-paragrapho do § 3º, continuando as sequencias (a), (b), (c), etc.

N'elle formularemos instruções communs a todas as forças.

Assim procedendo, de um modo geral, evitaremos a necessidade de repetil-as para cada grupo. Ahi encontraremos itens, taes como, o lugar da reunião, se ha necessidade de indicá-lo; o padrão do tempo usado, como o meridiano setenta e cinco; recomendações geraes.

§ 4º — Comboio

Este paragrapho contem instruções para — ou informações relativas aos navios não combatentes que constituem o comboio — carvoeiros, transportes de viveres e sobresalentes, navios hospitalares, navios officinas, etc.

(Continua) Cap. de Corveta Frederico Villar.

Nova feição de processo antigo de combate

(Conclusão)

As ultimas grandes offensivas não foram tão felizes como o esperavam os allemaes, devido ao facto de falhar a surpresa. O commando alliedo, esperando ataques nos pontos mencionados, organizou uma bem appropriada defesa, dias e semanas antes que a tactica de von Hutier fosse tentada pelos allemaes. Na verdade, ficou provado que este metodo de tactica, quando empregado contra igual numero de homens e de artilharia prestes para o ataque, está longe de ser irresistivel. Não obstante quasi nada se possa dizer do metodo de combaterem os alliedos a offensiva de von Hutier, é permittido afirmar que ao ataque de profundidade corresponde a defesa do mesmo genero.

Assim, em primeiro lugar, deve ser mantida a vigilancia, contra qualquer surpresa.

Então é organisada uma profunda e extensa defesa, com estreita linha de frente, auxiliada por varios postos avançados para minorar as perdas e seguida de uma successão de outras linhas de maior resistencia, vindo para a retaguarda varias milhas.

Quando a artilharia allema rompia a sua tormenta, os seus fogos eram respondidos por outro furacão, produzido pelas metralhadoras dos aliados, concentradas para enfrentar o ataque.

Cada ponto por onde o inimigo poderia tentar sua infiltração tactica, era cotado de antemão; e, durante a acção, eram esses pontos completamente defendidos. Lentamente, ante as massas de atacantes, os defensores davam caminho, recuando sobre seu sistema defensivo que ia se tornando sempre mais forte. Ao mesmo tempo que as massas allemaes pagavam por alto preço as vantagens alcançadas, a sua artilharia pesada gastava inutilmente seus tiros profusamente desperdiçados sobre esparsos e pequenos postos avançados.

De algum modo, este metodo de defesa faz lembrar o sistema defensivo *caixa de pillulas*, «pill-box», organizado pelos allemaes no anno passado, por occasião da energica offensiva dos ingleses e franceses.

Neste metodo a principal preocupação é, certamente, dar á artilharia inimiga um alvo mínimo de infantaria, e depois separar a infantaria que vem avançando, do seu apoio de artilharia, enfrentando esta com o fogo concentrado da artilharia e por bruscos e rapidos contra-ataques, em todas as condições favoraveis.

Considerando um ataque de von Hutier em perspectiva, parece que a principal questão a cogitar é a da surpresa.

Além disso, o tempo é um elemento de capital importancia.

Pois se os defensores da linha atacada puderem resistir por tempo bastante, mesmo a custo das primeira e segunda linhas, as massas de manobra agora á disposição do commandante chefe dos aliados, o General Foch, poderão ser levadas ao lugar oportunamente. Conforme ás melhores autoridades, será necessário o tempo de mais ou menos setenta horas, para trazer essa massa á scena e durante este tempo é para saber-se quanto terão ganho os allemaes. Desde que as reservas aliadas alcancem o campo da batalha, pouco importa cogitar de si é o metodo de von Hutier, ou outro qualquer, que esteja sendo empregado pelos allemaes; o combate ficará logo equilibrado, como já foi visto na offensiva do Somme, na Flandres e no Marne.

Teremos sempre que agradecer a von Hutier uma valiosa sugestão. Quando os exercitos americanos attingirem os seus amplos effectivos, lá para o proximo verão, e quando os aliados já estiverem munidos com uma preponderante artilharia móvel dos typos escolhidos, os aliados romperão as linhas allemaes e proseguirão além, dessas brechas, aproveitando-se largamente dessa vantagem. (*)

Dada a superioridade enorme em numero de homens e de artilharia móvel, e assistidos por um inegualavel serviço de transporte pelos inumeros auto-caminhões, estaremos aptos para romper as linhas allemaes primeiro, e depois mettermo-nos por meio dellas de um modo tal que von Hutier ficará fulo de raiva e inveja.

(*) Este artigo foi publicado em julho de 1918.

Tactica e tanks

Como o Generalissimo Foch, tem applicado e melhorado o metodo de Ariete «Battering Ram» do general von Hutier. Este inventor de um novo metodo de ataque contra inimigos entrincheirados e até ha pouco o heróe da hora na Alemanha, encontrou o seu *boomerang*. Eficaz contra os inglezes em março e em abril; e contra os franceses nos últimos dias de março, elle tinha alguma razão para pensar que a superoffensiva lançada em 15 de julho ultimo, deveria esmagar o exercito francez e entregar Reims, Epernay e Chalons ás forças alemães; e mui provavelmente abriria o caminho para a tomada de Paris e para uma paz teutonica. Porém, a denominada offensiva da paz falhou.

No proprio terreno escolhido para seu grande ataque, os alemães foram primeiro esbarrados e depois obrigados a recuar e, finalmente, perseguidos, soffrendo a primeira derrota, que o proprio Grande Commando Germanico admittiu francamente como tal.

A fama de von Hutier teve effectivamente vida curta, e de heróe da *hora* elle poderá passar a ser o mais odiado homem de seu Paiz.

Pois, se os alemães não tivessem restaurado a guerra de manobras, por essas grandes offensivas, deviam estar aptos para enfrentar as forças aliadas muito mais promptamente nas suas linhas de trincheiras.

Algumas semanas antes appareceu nestas colunas uma apreciação do metodo de ataque de von Hutier e nessa occasião prophetisou-se que os aliados, não havia duvida, estariam aptos a resistir á proxima offensiva alemã pelo emprego de uma defesa *em profundidade*.

Pois, quando o artigo estava sendo escrito, os alemães rompiam sua offensiva de paz em uma frente de 55 milhas, ou Chateau Thierry ás Florestas de Argonne; todavia, o escriptor entao predisse que a offensiva não deveria sómente ser aguentada, porém, ainda, que os aliados, quando viesse a occasião conveniente, melhorariam a tactica de von Hutier. E' justamente o que aconteceu, porém, o embate foi adiantado de muitos mezes, mais do que era razoavelmente de esperar naquella occasião.

Basta dizer que os alemães atacaram ao longo do Marne, nas proximidades do Rheno e no sul de Champagne. No ultimo mencionado theatro, elles foram rechassados pelo General Gouraud, cujas forças permaneceram ao longo de uma linha entrincheirada já sustentada por dois annos ou mais.

Pelo arranjo de uma defensiva em profundidade, com pequenos postos avançados e centros de resistencia na frente do campo, as tropas do General Gouraud, fizeram com que a principal investida alemã, despendesse seus esforços sobre esparsas tropas, enquanto que as forças compactas á retaguarda estavam promptas para enfrentar com os alemães quando viessem elles, com os seus ninhos de metralhadoras e sua terrivel artilharia de barragem.

Ao longo do Marne ganharam algum terreno os alemães. Porém, varios dias antes do ataque os franceses, com auxilio de americanos, estiveram preparando-se para um contra-ataque, antecipando a offensiva alemã sobre esta frente. Em 13 de juho, tres dias depois de romper a offensiva de paz, as forças do General Mangin cahiram sobre o flanco dos alemães, inflingindo

uma severa derrota. Desta vez em diante, os alemães encontraram-se por seu lado n'um saliente apertado e cada vez mais constringente, acossados por forças superiores de todos os lados. Depois de um fogo reñido, elles retiraram-se para o Vesle, onde estão sustentando-se na occasião em que é escrito este. Em 10 de agosto os franceses e os inglezes, com algumas tropas americanas rompem uma forte offensiva contra os alemães em frente de Amiens. Em 4 dias o ataque arrebatou-lhes cerca de 40.000 prisioneiros e mais de 400 canhões, que adicionados aos prisioneiros do Marne e aos despojos da contra-offensiva do Marne podem prefazer um total de cerca de 70.000 prisioneiros e 1.200 peças tomadas pelos aliados. Ahi está o *boomerang* que von Hutier creou para o exercito alemão.

Com o resultado já exposto, é de interesse estudar a nova tactica empregada pelo General Foch na realização destes dois grandes ataques. Os aliados evidentemente já sabem de cõr ás lições do metodo de von Hutier; e ainda mais, o têm melhorado materialmente, não obstante, para o applicar. O grande factor ainda é o secreto, a reunião de abundante numero de tropas e equipamento no ponto escolhido e o lançamento do ataque sem prévio signal.

Em ambos os ataques os alemães foram tomados mais ou menos de surpresa completa. Em vez de muitas horas ou dias de bombardeamento, como era a primitiva pratica, contra defesas fortemente organisadas, os aliados lançam seus iniciaes ataques com um preliminar bombardeio de artilharia de 10 minutos, ou menos, excepto sobre limitadas frentes. Por detrás de uma violenta cortina de projectis que se desenrola sobre as posições alemãs, a infantaria aliada avança para o ataque em companhia de abundante numero de tanks. Ambas as offensivas têm provado o valor dos tanks. Sempre, desde o começo deste anno, os inglezes e franceses tem estado tenazmente empenhados em produzir menores e mais rápidos tanks, em virtude de sua experencia com os mais amplos modelos primitivos.

Em varios ataques locaes os inglezes e franceses experimentaram pequenos tanks, que incluem os wippets inglezes, como são elles denominados, conduzindo uma velocidade de 12 milhas por hora, ou mais; e os babytanks dos franceses, podendo alcançar mais ou menos a mesma velocidade, também trazendo 2 homens. Agora a principal ideia de tank é um veículo para conduzir bateria móvel de metralhadoras, ou uma rápida artilharia de campanha, que poderá ser empregada para atacar metralhadoras inimigas e corpos de infantaria. A couraça de todos os tanks é de suficiente poder para resistir ás balas das metralhadoras e aos estilhaços das granadas; porém, é vulnerável pelos projectis de artilharia. Si o fogo da artilharia inimiga puder ser dirigido sobre um tank destes, é pouco provável que resista e possa prosseguir em sua marcha. Em regra geral, o tank deve ser protegido pelo mascaramento ou por nuvens de fumaça ou de vapor por todo o tempo e lugar em que a artilharia inimiga o possa atingir.

Porque conhecem perfeitamente estas coisas é que os aliados trataram de construir tanks menores, os quaes têm maior mobilidade e são ainda mais difficilmente vistos das linhas inimigas. Os



grandes tanks empregados nas batalhas dos ultimos annos eram vagarosos e pouco manejaveis; e em muitas vezes aconteceu que elles tornavam-se incapazes de se conservarem ou mantearem contra as ondas da infantaria durante um assalto. Porém, com a introdução de menores e rapidos, os inglezes e os franceses têm sido bem sucedidos, em estabelecer melhor co-operation ou ligação entre os tanks e a infantaria como se evidenciou nas offensivas do Marne e do Somme. Apesar de tudo, os tanks por si sós são de pouco valor; são efficazes sómente quando sustentados pela infantaria. Em ambas as offensivas, a infantaria dos aliados marchava na frente em companhia de grande numero de tanks, pequenos, que abriam caminho através dos arames farpados allemães e batiam as metralhadoras em seus ninhos logo que elles começavam a atirar.

A artilharia allemã era alcançada e desorganizada, antes que pudesse bater os tanks. Quando as forças allemãs debandavam e começavam a sua retirada, os rapidos tanks assumiam o lugar de cavallaria couraçada, desprendendo grande velocidade no encalço das unidades fugitivas e estragando seu sistema de transporte tanto quanto possível. Com a marcha de 12 ou mais milhas por hora, os pequenos tanks não têm dificuldade alguma em perseguir e alcançar os infantes allemães fugitivos.

Até agora a principal dificuldade na offensiva em alta escala tem sido levar a artilharia para supportar a infantaria em avanço. Von Huttier empregou para este proposito leves canhões, particularmente grande numero de morteiros de trincheiras, montados em carrinhos apropriados; porém, os aliados conseguiram melhorar o processo, empregando os tanks para esse fim.

Desta maneira os grandes tanks, tipo macho, conduzindo tiro rápido e os tanks femeos levando metralhadoras sómente, têm sustentado os grupos de infantaria distantes que já se metteram pelo interior do terreno mantido pelo inimigo; enquanto que os pequenos tanks têm cooperado com os destacamentos de cavallaria, perseguindo pelo fogo de metralhadoras.

Graças ao tank, que é agora empregado em grande numero, os aliados têm podido melhorar o methodo de ataque de von Huttier. Esta arma de guerra permitti dispensar o intenso bombardeio que anteriormente era necessário para anular a acção dos ninhos de metralhadoras allemãs.

Deste modo pôde-se romper um ataque sem prévio preparo, de subito; e, não obstante, as metralhadoras inimigas não terão liberdade de bater e aniquilar as ondas de infantaria; tornou-se possível uma concentração menor da artilharia, que não sendo requerida para a cortina de barragem, o que reclamava as mais poderosas peças, poderá, assim, ser toda dirigida ou aproveitada para contrabater a artilharia inimiga.

Finalmente, o bombardeio dos centros ferroviarios inimigos, depositos de munições e cruzamentos de estradas, é feito por fortes aeroplano de bombardeio, de dia e de noite, em vez de ser realizado por peças de longo alcance. Dezenas de toneladas de explosivos são lançadas nas areas que ficam pôr detrás da frente inimiga com seguros resultados, tem-se certeza; porque cada bomba é atirada em alvo previamente marcado pelos rapidos escouts.

Agora os allemães têm mostrado sua usual prodigalidade em metralhadoras. Em ambas as offensivas as forças aliadas enfrentaram dezenas de milhares de metralhadoras: — qualquer ruina, cada buraco de granada e ainda todos os troncos de arvores, abrigavam uma, guarnecidia por escolhidos e destemidos atiradores. Algumas dessas fortalezas em miniatura, têm sido difícil de vencer, pela razão de que os allemães atirando com fogo cruzado, podiam obstar seguido progresso até que os atiradores fossem descobertos e batidos.

Os tanks são realmente os melhores destroyers de metralhadoras. Porém, quando os tanks não são applicaveis, as metralhadoras são enfrentadas pelos fuzis dos granadeiros com os seus projectis de longo alcance, habeis atiradores, e homens com fuzis metralhadoras. A destruição de um ninho de metralhadoras é muitas vezes uma pequena batalha. Infantes equipados com carabinas mecanicas ou machinas Lewis, fazem cair uma chuva de balas sobre os atiradores allemães, de modo a lhes distrahir a atenção de outros grupos de soldados que avançam para os ninhos e, finalmente, os tomam. O amplo emprego pelos allemães de metralhadoras levou também à introdução de tipos franceses 0.037, tiro rápido, que são pequenas peças de artilharia, com projectil de meia pollegada. Quando em accão, a peça é guarnecidia por 4 homens: dois como observadores e dois para locar, carregar e atirar. Leve em peso e ficando quasi ao rés do chão, o canhão de 37 mm pôde ser conduzido por escaramuceiro e empregado contra os ninhos de metralhadoras allemães. Para este trabalho, diz-se que é tão efficaz como os tanks e grande numero delles são agora usados no Exercito aliado. De facto, a mesma peça é excellente contra os tanks allemães que apareceram no campo de batalha; a granada de alto explosivo de 1 1/2" penetra facilmente a couraça e causa grande estrago no interior. A superioridade no equipamento dos tanks e na experiença de seu emprego deu aos aliados uma notável vantagem que os allemães não puderam contrabalançar.

Pela applicação em grande e melhorada escala, da tactica de surpresas introduzida pelo General Byng na batalha de Cambrai em novembro ultimo, os exercitos inglezes, franceses e americanos repelliram o exercito allemão.

Dentro do curto espaço de 2 meses o inimigo encontrou-se transformado de poderoso atacante ou aggressor em acossado defensor.

Tte. Cel. J. J. C. Curado.

Quadros e promoções

Sobre o projecto de lei de quadros e promoções Klinger—Leitão de Carvalho, publicado no n.º 61, temos recebido cartas, das quaes desfazemos o seguinte:

Do 1.º ten. A. Dornelles, 5.º G. Ob., Margem:
.... Tenho, porém, uma ideia que, talvez por falta de quem discuta, parece-me justa.

Considerando que na guarnição do Rio Grande, pelo seu grande numero de unidades, serve uma grande parte dos officiaes de todas as armas, principalmente de cavallaria, o cdte. da Região deveria ser ouvido como membro da comissão de promoções por merecimento, pois elle

está particularmente mais apto que qualquer outro general para julgar dos seus officiaes.

E não ignoras que todo official do Rio Grande do Sul que deseja sua promoção por merecimento tem que emprehender uma viagem ao Rio ou alli servir, o que é difficult para alguns, por motivos varios.

Até hoje, na artilharia pelo menos, só 2 capitães no Rio Grande lograram promoção por merecimento e é indiscutivel que aqui como ahi ha individuos dedicados e competentes, que gozam de excellente conceito de seus camaradas e que no entanto ficam esquecidos.

Outro ponto é a data da classificação do merecimento. Acho que uma só no anno não satisfaz. Já não me refiro aos *encostadores* que poderão, depois de classificados, nos competentes lugares, tornar-se de um momento para outro trabalhadores e estudosos. Quero me referir aos que obtém boa classificação e de repente, por uma reviravolta, se tornam até immerecedores do posto em que se acham. E isso não é phantasia, pois, bem sabes que o genio, assim como o caracter dos individuos, podem modificar-se em consequencia até de uma má digestão. Assim eu suggeriria a idéia da classificação do merecimento ser feita tres vezes por anno, em correspondencia, portanto, ás tres datas de promoção.....

Do 1º ten. Daltro Filho, Q. Gen. da 4.ª Região, Nictheroy.

....Li attentamente o projecto de lei sobre quadros e promoções, que V. V. publicaram no n.º 61.

Achei-o excellente, mas incompleto. Ha questões estreitamente associadas á lei de accessos, que V. V. puzeram, a meu ver, muito de lado. As reformas, por exemplo.

Penso, pois, que V. V. andariam mais acertados se enfeixassem, na mesma construcção, tudo quanto se refere a quadros, promoções, reformas e demissões no exercito activo.

Penso ainda... Mas eu não desejo critical-os, suscitando ensossas divergencias, para não parecer que nos estamos ajustando como as luvas de Pasteur. Antes prefiro, sem medir as consequencias da aventura diluir-as num projecto, pelo qual V. V. verão que nós, espiritualmente, nos unimos com as mãos da bella imagem de Renau.

Procurei, como parece que V. V. igualmente procuraram:

1.º) Proporcionar ao Exercito a totalidade dos officiaes necessarios ás forças e ao commando.

2.º) Proceder á distribuição desses officiaes por quadros correspondentes ás condições, radicalmente distintas, em que elles podem se encontrar em relação ao serviço.

3.º) Aproveitar quanto possível a pratica da nossa tradição legislativa.

4.º) Mas quanto possível libertar as promoções da influencia preponderante e directa das autoridades, porque:

a) *L'avancement non justifié par des droits assez évidents pour que personne ne les conteste.* ne peut qu'allumer des ambitions illegítimes, exciter chez d'autres et propager dans la masse un esprit de desaffection et de découragement (General Comte d'Anthouard).

b) Aucun moyen ne peut suppléer à une

loi inflexible sur l'avancement dans l'armée (General de Preval).

c) Quant à la formation du tableau d'avancement, elle ne peut être confiée qu'à un tribunal suprême, peu nombreux, composé d'une dizaine de généraux designés chaque année par le ministre et ayant pour mission, non pas de discuter les mérites des candidats, mais de contrôler l'exactitude matérielle de leurs dossiers et de constituer une liste de classement par ordre de points, analogue au tableau de sortie des écoles militaires (Coronel R. Henry).

Creio que estamos no mesmo ponto de vista. E como estamos no mesmo ponto de vista do Exm.º Snr. General Setembrino de Carvalho, tomo a liberdade de offerecer-lhes o projecto, como penhor da alta consideração com que sou de V. V. e daquelle meu illustre chefe, amigo e admirador.

COMMANDO DE TROPA EM GABINETE

4º problema (continuação do 3º) traduzido de um livro de v. Altrock por E. de Lima e Silva, capitão de artilharia.

V. o n.º 611 desta revista, o croquis junto, escala 1:500 000 e a carta geral de Metz e terrenos adjacentes, 1:500 000, que acompanha a tradução brasileira do Griepenkerl.

Uma divisão de infantaria faz a segurança de uma linha fluvial quando o inimigo está longe.

A 11. 6. a 5. D. I. iniciou a marcha como fôra ordenado. Ao meio dia sua ponta de infantaria passa em Kerlingen. O 3./6. R. C. telegrapha de Fentsch que a região a leste da estrada de ferro Longuyon-Conflans está livre de inimigo.

A oeste desta via ferrea, nas proximidades de Etain, foram encontrados postos inimigos que evidentemente pertencem a Verdun, praça forte vermelha.

SOLUÇÃO

a) Como aprecia a situação o cdte. da 5. D. I. a 11. 6. ao meio dia? Sua decisão.

A missão consiste em cobertura da concentração azul e segurança do trecho do rio Mosel compreendido entre Sierck e Diedenhofen.

No caso de ameaça frontal inimiga ella seria resolvida ficando a divisão concentrada em acantonamentos cerrados⁽¹⁾ ou em acantonamentos bivaques atraç do trecho fluvial sob sua guarda, prompta para qualquer emergencia, ao passo que a cavallaria deveria estender sua exploração além do rio, cuja guarda immediata ficaria atribuida, por sectores, a pequenos destacamentos de todas as armas.

Não ha, porém, possibilidade de ameaça inimiga dentro de 24 horas no minimo, como prova a communicação telegraphica procedente de Fentsch, do 3.º 6. R. C. Luxemburg está livre de inimigo e as tropas vermelhas mais proximas estão a espera, paradas em Etain, que dista mais de 40 kilometros de Diedenhofen. A 5. D. I.

(1) V. o "Manual para o commando de tropas", tradução e adaptação do Lehner.

pôde, pois, pensar em proporcionar estacionamento comodo a suas tropas.

O trecho do *Mosel* cuja segurança se pretende fazer, tem seu flanco esquerdo voltado para o inimigo. Portanto, ahi no sul do sector é que está o centro de gravidade da segurança, e tanto mais quanto é de esperar que a cavalaria inimiga contorne pelo sul este trecho do rio. Tambem as forças inimigas que se acham em *Etain* podem voltar-se tanto contra *Metz* como contra *Diedenhofen*.

Por isso o cdte. resolve acantonar a massa de suas tropas em *Diedenhofen* e arredores a leste, assim como effectuar a segurança do resto do trecho *Sierck*—*Diedenhofen* por meio de pequenas forças. A ordem para o estacionamento é dada em quanto o pessoal da divisão, aproveitando um alto de 11 $\frac{1}{2}$ hora, faz suas refeições proporcionadas pelas cosinhas rolantes.

b) *Ordem da 5. D. I.*

5. D. I. *Kerlingen*, 11. 6. ás 13⁰⁰

Ordem á divisão

1. *Luxemburg* está livre de inimigo. Ha tropas inimigas em *Etain*, pertencentes á praça forte de *Verdun*, segundo parece.

2. A 5. D. I. passa ao estacionamento.

3. O general cdte. da 10. Br. I. com o 12. R. Granadeiros, 12. Comp. de Metralhadoras, 1/2 1/6. R. C., 1/18. R. A. deve barrar o trecho *Sierck*—*Oberham*, do rio *Mosel*, ocupar as pontes em *Niederkontz* e *Mallingen* e acantonar na estrada *Sierck*—*Niederham*, de modo que fique garantida uma rapida reunião do destacamento á divisão.

As estações telegraphicais da estrada de ferro situadas nesta zona de estacionamento devem ser providas de estafetas para transmissão de ordens.

4. O 3/6. R. C. (*Fentsch*) continua a exploração para oeste e mantém contacto com o inimigo. O 2/6. R. C. segue para *Buss*, explora no valle do *Orne* até *Etain* e seus arredores ao sul e mantém ligação telegráfica com o estado maior da divisão.

5. Acantonam em:

a) *Diedenhofen*, *Nieder-Jeutz* e *Ober-Jeutz*, segundo as determinações do general cdte. da 9. Br. I.: 9. Br. I., 1/2 1/6. R. C., estado maior da 5. Br. A. C., 54. R. A. e Sec. Teleph.; o serviço de segurança a oeste deve ser levado até *Obr. Gentringen*—*Terwen*;

b) *Künzig*, *Stückingen*, *Walmsdorf*, *Diesdorf*, *Elsingen*, *Inglingen* — com o ponto de reunião de alarme na estação da estrada de ferro em *Künzig* — e segundo as determinações do coronel do 52. R. I.:

52 R. I., 3. Batl. Caç. com o 3. Gr. de Metrs., commando do regimento e II/18. R. A. (obuzes), 1. Comp. de Engenharia com o trem de pontes divisionario, 1. e 2. Comps. de Saúde.

6. As. c. I. m. ficam nos locaes de acantonamento dos grupos de artilharia.

7. Os trens de estacionamento podem ser levados pelas tropas respectivas.

8. As c. mun. e comboios ficam em *Waldwiese*, *Reimelingen*, *Halsdorf*.

9. Recepção de ordens ás 21⁰⁰ no quartel general da divisão em *Diedenhofen*, hotel P.

T.

General cdte. da 5. D. I.

Dictada durante o alto da marcha aos officiaes do estado maior da divisão.

Por escrito á vanguarda, ás trez brigadas, aos seis regimentos, ao 3. Batl. Caç., 1. e 2/6. R. C., Comp. de eng. com o trem de pontes, 1. e 2. comps. de saude, sec. teleph.

Telegramma em resumo ao 3./R. C. e ás comun. e comboios.

v. K.

major do estado maior.

c) *Discussão*

Na marcha as cosinhas rolantes seguem a tropa immediatamente atraç dos trens de combate. Por isto frequentemente se aproveitam os altos da marcha para distribuição da comida preparada, como se fez na 5. D. I. em 11. 6. ao meio dia. Tambem a ordem para estacionamento geralmente é dada durante o alto de marcha. Na passagem ao estacionamento toma-se em consideração, quando possível, a continuação da marcha no dia seguinte. Aqui, porém, a divisão não conhece o objectivo de marcha do outro dia, e por isto o respectivo cdte. deve restringir-se a manter sua tropa reunida, á disposição do commando superior. Esta já é uma razão para que elle tire todo o proveito da grande capacidade de alojamento de *Diedenhofen* e suas immediações. Não é aconselhável fazer-se o acantonamento em pontos muito afastados, ao longo de toda a margem leste do *Mosel*, entre *Sierck* e *Diedenhofen*. Podem ser designados á divisão acantonamentos commodos que por sua situação não a obriguem a ficar espalhada. Para a designação dos acantonamentos e eventual necessidade de modificar a ocupação das localidades recomenda-se a formação de grandes grupos de unidades sob as ordens de um chefe unico. Tambem conduz a isto, não só a necessidade de aproveitar todas as estribarias como tambem a segurança da artilharia que, segundo o R. S. C., nunca estaciona só. Descer demasiadamente a detalhes difficulta a distribuição da ordem e a vigilancia da execução. No presente caso não é opportuno conservar a organização de vanguarda para o estacionamento; ao contrario, é preferivel a constituição em unidades: brigadas e regimentos.

E' para desejar uma ampliação do serviço de esclarecimento por meio do 2/6. R. C. (*Buss*) no lado perigoso, o flanco esquerdo.

Quanto ao acantonamento das c. I. m., deve-se incluir na ordem uma disposição, pois não ha prescrições obrigatorias a respeito.

Segundo o R. E. A. a c. I. m. está subordinada ao respectivo grupo de artilharia; portanto ella aconta sempre com elle, quando durante a marcha estiver em suas proximidades, como, p. ex., a c. I. m. da vanguarda.

Quando se sabe com antecedencia que no dia seguinte a divisão vai continuar a marcha na mesma ordem, com a mesma repartição de tropa, as c. I. m. que se acham no fim do grosso podem estacionar reunidas, segundo dispõe o R. S. C., mas juntamente com infantaria.

Desde que esteja imminente uma nova applicação tactica, desde que seja modificada a repartição das tropas, como aqui, pela passagem ao serviço de segurança do rio, as c. I. m.

Continua á pag. 133.

Nomenclatura do obuz de campanha Krupp 105 C. 14 T. R.

ADVERTÊNCIA. Esta nomenclatura foi organizada tomando por base a tradução feita da Directoria do Material Bellico da monographia que acompanhou o material, e a revisão feita pelos 1^{os} tenentes Alvaro Fiúza de Castro, Mauro Meirelles Alves e 2^o tenente Zeno Estillaz Leal, do 3^o Grupo de Obuzes.

A 1^a Secção do Estado Maior procurou dar ao trabalho a mesma fórmula do correspondente aos canhões 75 T. R. e introduzir diversas modificações necessárias à uniformização das duas nomenclaturas.

GENERALIDADES

1.—O material de artilharia de uma bateria de obuzes comprehende:

- a) quatro viaturas-peças (v. p.);
- b) quatro viaturas-munições (v. m.);
- c) uma viatura de bateria (v. b.);
- d) uma viatura-forja (v. fja.);
- e) uma luneta de bateria (l. b.).

Todas as viaturas são articuladas em dois jogos ou trens: o jogo dianteiro ou avantrem chama-se *armão*; o jogo traseiro ou retrotrem chama-se *obuz* na v. p., *carro* na v. m. (subentendendo-se: carro de munição), e *forja* na v. fja.

A VIATURA-PEÇA

1. O obuz

2.—O retrotrem da viatura-peça, o obuz, divide-se em reparo e obuz propriamente dito; este comprehende o *corpo do obuz*, e o *mechanismo da culatra*.

A) O corpo do obuz

3.—O corpo do obuz é o tubo destinado a receber o cartucho e lançar o projétil. Elle é de aço Krupp fundido em cadiño. Não resiste ao arrebentamento da granada na sua alma. É formado de dois tubos, um envolvendo o outro; o exterior ou *tubo-reforço* é posto a quente sobre o interior ou *tubo alma* e ainda são mantidos em sua posição relativa por uma *cinta de fixação*. O corpo do obuz liga-se ao berço por duas cintas de ligação e duas garras de culatra; entre a culatra e a primeira cinta de ligação que se lhe segue ha uma *sapata* pela qual o corpo do obuz descança sobre o berço.

4.—Exteriormente o corpo do obuz, de forma ligeiramente tronco-conica, apresenta as seguintes secções: 1.^a) secção anterior ou *bolada*; 2.^a) secção média; 3.^a) secção posterior ou *culatra*. Em cada uma das duas primeiras secções fica uma *cinta de ligação* com guias.

5.—*Bolada* é a parte de menor espessura, vae do corte da boca á segunda cinta de ligação (exclusive).

No corte da boca vêem-se quatro traços, dois a dois segundo o mesmo diâmetro, e os dois diâmetros perpendiculares entre si, determinando pelo seu cruzamento um ponto do eixo da alma. Entre a bolada e a parte mais espessa, culatra, fica a parte média.

6.—*Cinta de ligação*. É uma faixa de aço que liga o obuz á face superior do berço e ahi o guia no recuo e na volta á posição inicial. Abaixo do obuz ella se alarga em bloco ou *guia* com uma aba de cada lado, guarneida de bronze, formando garra.

A's abas das guias acham-se fixadas de cada lado duas regoas de aço, uma longa que vae da guia da culatra á cinta de ligação da secção média, outra curta, compreendida entre as cintas de ligação.

Estas regoas chamam-se *talas de protecção*. As talas longas trazem na sua parte inferior uma tira de feltro.

Por cima das abas de cada guia e das talas longas acham-se atarrachados parafusos de metal branco com orifício e valvula de mola para receber o óleo que lubrifica a parte superior do berço; são os *parafusos-lubrificadores*.

Sobre a cinta de ligação da bolada ha um orifício rosado que recebe uma pequena massa de mira.

A *sapata* acha-se imediatamente adeante da parte cylindrica do tubo reforço.

As duas *garras-guias* da culatra são revestidas de bronze e constituidas pelo prolongamento das faces lateraes da culatra.

Na parte cylindrica da secção média estão gravadas as armas da Republica.

7.—*Culatra*. É a parte posterior do obuz, de forma prismatica, arestas chanfradas e angulos arredondados. Nella abrem-se a *mortagem da cunha* e a *calha de carregamento*.

Elle apresenta na sua face superior, denominada *mesa*, um encaixe para o nível de pontaria e atraç desse encaixe um entalhe de mira, que, juntamente com a massa de mira, serve para a pontaria approximada em direcção.

A face inferior prolonga-se formando o *talão de amarrar* que termina em olhal e neste prende-se a extremidade posterior do cylindro do freio do recuo, ficando assim o obuz em condição de arrastar o dito cylindro por occasião do tiro.

Na face posterior, o *córtex da culatra*, vêem-se também os traços vertical e horizontal que, com os do córtex da boca, determinam o eixo da alma; nessa face ficam diversas inscrições (nome do fabricante, lugar e anno da fabricação, peso do obuz, numero de ordem).

A face esquerda apresenta um rasgado de altura igual ao diâmetro da camara de explosão e cujo fundo é o prolongamento da mesma camara: é a *calha de carregamento*, que vae da face posterior da culatra até a mortagem.

Essa calha não enfraquece a culatra, pois que os esforços são todos transmittidos ás faces superior e inferior.

Perto da parede anterior da mortagem ha dois parafusos que ahi fixam a chapa de *guarnição*, cuja borda em cantoneira applica-se contra aquella parede.

Na face direita da culatra abre-se a mortagem da cunha, e na sua parte superior existem duas orelhas para o *pino charneira* da alavanca directora.

Mortagem da cunha.—É um vasado transversal de fórmula trapezoidal, tendo a parede anterior normal ao eixo da alma, a posterior inclinada do lado esquerdo para o anterior.

A parede anterior da mortagem apresenta um *reforço annular*, achatado em cima e em baixo para alojar as garras do extractor; a parte posterior do reforço fórmula a *corona de apoio* para a virola do estojo. A' direita desse reforço acha-se o alojamento do extractor.

Na parede superior da mortagem ha um vasado em fórmula de um sector circular para a

alavanca directora, com uma estria concentrica para o *talão-director* da mesma.

O movimento da cunha na mortagem é garantido por duas nervuras guias existentes na parede inferior e superior da mortagem.

8.—*A alma.* E' o vasto interior do tubo alma, destinado a conter o cartucho e dirigir o projectil em seu movimento, resultante da combustão da polvora de projecção. Seu comprimento, da coroa de apoio ao corte da boca é de 1^m,240.

Divide-se a alma em *parte raiada, adocamento e camara de explosão*; esta subdivide-se em parte cylindrica, adocamento e parte conica.

Parte raiada. *Raios* são os sulcos helicoidais sobre a parede interior do tubo alma com 1^{mm} de profundidade e 6^{mm},8 de largura, que, vistas do corte da culatra pela parte superior inclinam-se da esquerda para a direita.

As raias deixam entre si uns intervallos denominados *cheios* com a largura de 3^{mm},5, e que terminam em rampa na boca do obuz.

A superficie superior que limita o cheio chama-se *liso*, as duas faces lateraes são os *flancos*, e o *fundo* é a porção excavada e concentrica á alma. *Passo* é a distancia determinada sobre a geratriz da alma por duas passagens successivas de uma mesma raias.

Calibre é o comprimento do diametro da alma expresso em ^{mm}. Assim o nome «obuz Krupp 105» significa que a alma do obuz tem o calibre de 105^{mm}. E a designação C. 14 quer dizer que o corpo do obuz tem o comprimento de 14 calibres, isto é, 1^m.47.

As raias são paralelas e de passo decrescente, isto é, começam do adocamento com um certo passo e terminam com passo menor na boca do obuz.

As raias têm por fim imprimir ao projectil uma rotação em torno de seu eixo.

Camara de explosão é a parte da alma onde se aloja o estojo do cartucho.

B) Mecanismo da culatra

9.—O mecanismo da culatra é constituído pelo conjunto dos diversos orgãos necessarios para o fechamento da camara de explosão, para o disparo do obuz e para a extração do estojo. Divide-se em:

1º Cunha	{ Mecanismo de fechamento
2º Alavanca directora e pino charneira	
3º Apparelho de percussão	{ Mecanismo de disparo
4º Apparelho de segurança	
5º Apparelho de armar	
6º Extractor e chaveta de parada	

10.—*Cunha.* E' um bloco prismático tendo as faces lateraes perpendiculares á anterior que é normal ao eixo da alma, e a face posterior convergente para a anterior da direita para a esquerda.

Na face anterior ha um orificio roscado em que se atarracha o grão do percussor; inferior e superiormente achaam-se as ranhuras que servem de alojamento ás garras do extractor, e limitadas no extremo esquerdo por planos inclinados que chocam as unhas do extractor no momento de abrir a culatra, produzindo-lhe uma curta e violenta oscillação, impedindo ao mesmo tempo a saída total da cunha.

Nota-se ainda nessa face junto ao rebordo da cunha um canal vertical destinado á chaveta de parada do extractor.

No centro da face posterior ha um vasado que serve de alojamento ao apparelho de percussão.

Nesse alojamento ha dous rebaixos semicilindricos que permitem a retirada do apparelho sem auxilio de ferramenta.

Na face superior a cunha tem uma estria, em forma de cotovelo, onde se aloja o talão director inferior da alavanca directora e uma abertura que recebe a *caixa da mola de segurança* juntamente com a mola e com o ferrolho de segurança.

Nota-se ainda nessa face um vasado onde se alojam a cabeça e a cauda do gatilho e que se prolonga verticalmente para dar passagem ao eixo do mesmo gatilho. Na testa notam-se uma abertura destinada a receber o supporte do apparelho de armar, convenientemente montado, e cuja borda inferior apresenta um *chanfro* destinado a facilitar a retirada do supporte; nota-se mais um orificio por onde penetra a alavanca do apparelho de segurança e abaixo do qual vê-se gravada a palavra «Seguro».

11.—Alavanca directora e pino charneira.

Alavanca directora.—Consta de *punho, braço exterior, orelhas, braço interior, e talões directores*.

Punho é uma peça conica óca, terminando superiormente por uma callote esferica, e destinada ao manéjo da alavanca.

Braço exterior é uma barra de secção rectangular com rebaixos na extremidade em que se fixa o punho.

Orelhas são em numero de duas, de forma cylindrica, dispostas paralelamente e atraves-sadas na parte central por um vasado cylindrico que dá passagem ao *pino charneira*; a orelha superior tem um pequeno entalhe que dá passagem ao dente do pino charneira e a inferior tem tambem um pequeno entalhe que prende o dito dente. Ellas se prendem ás orelhas da culatra fazendo charneira.

Braço interior.—Liga-se ao *braço exterior* pelas orelhas e termina na outra extremidade pelos *talões directores*; os dous braços são ainda ligados inferiormente por uma placa onde existe um *cavado* que permite a passagem do *resalto* da cabeça do gatilho e nesse *vasado* existe um *entalhe* destinado a receber o dente do *ferrolho de segurança*.

Talões directores.—São em numero de dous, um superior, que se aloja na estria cincular da face superior da mortagem, outro inferior, que se aloja na estria, em cotovelo, da face superior da cunha; ambos achaam-se numa das extremidades do *braço interior*.

Pino charneira.—E' destinado a prender as orelhas da alavanca directora ás da culatra, formando charneira; consta de *corpo* e *cabeça*.

O *corpo* é de forma cylindrica e nello existe o dente que vai se fixar na orelha inferior da alavanca directora; a *cabeça* termina em botão serrilhado, destinado a facilitar o manéjo.

12.—*Apparelho de percussão.* E' o conjunto de orgãos que têm por fim percutir a esto-pilha de percussão do estojo e consta das seguintes peças:

Descanço da mola.

Mola do percussor.

Percussor.

Grão do percussor.

Descanço da mola.—E' um curto cylindro

que tem na base anterior uma depressão circular que serve de descanso á extremidade posterior da móla do percussor e lateralmente segundo um mesmo diâmetro 2 talões com batentes que servem para prendê-lo no seu alojamento.

Na base posterior existe um cavado em forma de calote esférica, tendo no meio uma faixa divisoria, chamada *travessa*, que facilita a retirada do descanso de seu alojamento.

Móla do percussor.—É um fio de aço enroulado em helice, apoiando-se de um lado no descanso, do outro no fundo do vasado do corpo do percussor. O seu fim é impellir violentamente o dito percussor para a frente.

Percussor é uma peça alongada que serve para percutir ou ferir a estopilha de percussão determinando-lhe a explosão e consta de *corpo*, *macho* e *ponta*.

O *corpo* do percussor é um cilindro vasado no qual se aloja parte da móla.

O *macho* é um curto cilindro massiço que prolonga o corpo e de menor diâmetro que este.

Ponta parte cônica e afilada que se segue ao macho e passa através do orifício do grão para ferir o cartucho.

O *grão do percussor*.—É uma peça cilíndrica rosada com borda na parte anterior, tendo no centro, correspondente ao eixo do obuz, um pequeno orifício ou *ouvido* destinado a dar passagem á ponta do percussor. O *ouvido* é de forma cônica na parte posterior e cilíndrica na anterior.

O grão do percussor é atarrachado ao respetivo alojamento da face anterior da cunha e pode ser facilmente substituído, quando estiver estragado pelo uso.

13.—*Apparelho de segurança*. Destina-se este apparelho a impedir o disparo acidental do obuz e também a abertura da culatra quando se marcha com o obuz carregado.

Consta das seguintes partes:

Ferrolo de segurança.

Móla de segurança.

Caixa da móla.

Alavanca de segurança com aza.

Ferrolo de segurança.—É uma peça de forma cilíndrica na parte inferior e hemicylindrica na superior, que termina em dente; segundo uma geratriz commun ás duas partes existe uma saliencia parallelepipedica, munida de um chanfro. A parte cilíndrica é óca para alojar parte da móla de segurança.

Móla de segurança.—É um fio de aço enroulado em helice, alojado na parte cilíndrica do ferrolo de segurança e descansado na base da caixa.

Caixa da móla.—É uma peça tubular tendo a parte inferior cilíndrica e a superior hemicylindrica e destinando-se a alojar o ferrolo e parte da móla. Tem segundo uma das geratrices da parte hemicylindrica um bloco parallelepipedico com um vasado que se prolonga até a base da parte cilíndrica.

Alavanca com aza.—É uma peça cilíndrica terminada em uma de suas extremidades pela aza que é de forma prismatica, tendo na parte inferior uma dedeira que facilita o seu manejamento.

Proximo á outra extremidade da alavanca existem cinco sulcos seccionados normalmente ás geratrices do cilindro.

Esses sulcos são destinados a prender o fer-

rolho, quando a alavanca está na posição de Seguro».

Na alavanca, proximo á aza, ainda se notam 2 pequenos talões destinados a guial-a e a prendê-la no seu alojamento.

14.—*Apparelho de armar ou de escapamento*. É formado de diversas peças actuando umas sobre as outras de maneira a armar e deixar escapar o percussor para ferir a estopilha de percussão. Essas peças que funcionam em seus alojamentos no interior da cunha, são:

Suporte do apparelho de armar.

Alavanca de armar.

Noz de armar.

Bloco da mola de repetição com a mola.

Gatilho.

O *suporte* é um bloco onde se assentam todas as peças do apparelho de armar. A sua face exterior ou *testa*, que fica no mesmo plano da testa da cunha, é de forma quadrangular com os angulos arredondados e prolonga-se inferiormente para o interior da cunha, formando a *meza*, sobre a qual notam-se um pequeno eixo vertical e um alojamento circular, com batente também circular, destinado a receber o *bloco da mola de repetição*. No fundo desse alojamento existe um vasado circular, destinado a dar passagem ao *pé do bloco* assim como ao *eixo do gatilho*. Ainda existe nesse mesmo alojamento um *pequeno pino* destinado a fixar a extremidade da mola de repetição. Na parte interna da *testa do suporte* existe um cavado cilíndrico destinado a dar passagem ao *resalto do bloco da mola de repetição*. Na aresta direita da *meza* existe uma fenda semicircular onde passa a chaveta de parada.

Alavanca de armar.—É uma peça ligeiramente curva formando dous braços com um orifício onde entra o eixo da meza do suporte em torno do qual oscilla.

O braço esquerdo é o maior e termina em um dente que actua sobre o fundo exterior do corpo do percussor, armando-o; o *braço* direito termina em garfo que aloja a *nóz*.

Nóz de armar.—É uma peça estrellada com tres pontas, alojada entre os ramos em garfo que fórmam o braço direito da alavanca de armar. Ela oscilla em torno de um eixo recebendo o impulso do *nariz de escapamento do bloco da mola de repetição*.

Bloco da mola de repetição.—É uma peça cilíndrica, com uma chanfradura lateral formando o *nariz de escapamento*, diametralmente oposto ao qual existe um *resalto*.

O *bloco* termina inferiormente pelo *pé* que é também de forma cilíndrica, tendo segundo uma de suas geratrices um *entalhe* destinado a fixar a extremidade interna da *mola de repetição*. No *bloco* existe um vasado central de secção rectangular, com os seus cantos chanfrados e uma de suas faces arredondadas, destinado a encaixar o *eixo do gatilho*.

Mola de repetição.—É em forma de espiral, tendo a sua extremidade interna dobrada em angulo recto para ser fixada ao *entalhe* do *pé do bloco* e a extremidade externa curvada em forma de S destinada a fixar-se no *pino* do alojamento do *bloco*.

Gatilho.—Consta de *eixo*, *cabeça* e *cauda*.

O *eixo* é formado de tres secções, sendo as duas extremas cilíndricas e de diâmetros diferentes e a central prismatica de arestas chan-

fradas; é destinado a fazer mover o bloco da mola de repetição, permitindo o escapamento da *noz de armar*. Proximo á sua extremidade superior existe um pequeno *talão* que se aloja na parte superior de seu alojamento.

Cabeça.—Tem a forma de um curto cilindro, havendo na sua parte superior um *resalto* e um pequeno *traço*, coja coincidencia com um semelhante existente na face superior da cunha permitte a retirada do gatilho do seu alojamento; na parte inferior existe um cavado semicilindrico que, adaptando-se á parte superior cilindrica do ferrolho; impede o funcionamento do gatilho quando aberta a culatra.

Cauda.—É uma barra que, partindo da *cabeça*, termina em olhal onde prende o detonador. Na sua face externa lê-se a palavra «Fogo».

15.—*Extractor e chaveia de parada*.—O *extractor* é uma alavanca achatada em forma de garfo, alojada parte na parede anterior da mortagem e parte na face anterior da cunha, e que tem por fim retirar da camara do obuz o estojo vasio. No *extractor* notam-se:

a) as duas *garras* formando o garfo, chaminadas em rampa na face anterior de modo a poderem atracar a virola do cartucho, elles alojam-se uma por cima e a outra por baixo do reforço annular da parede anterior da mortagem e são ligadas entre si por um arco que envolve pela direita aquelle reforço;

b) as duas *unhas* são resalto existentes á direita da face posterior do *extractor* em que terminam as *garras* que se vão alteando até as ditas *unhas*; elles servem para impedir a sahida total da cunha, quando se abre a culatra, e recebem o choque dos planos inclinados terminaes das ranhuras da cunha onde se alojam e deslisam;

c) eixo do *extractor* é o reforço arredondado em que termina, á direita, a face anterior do *extractor* e em torno do qual este oscilla quando as *unhas* recebem o choque ao abrir a culatra;

d) *pegadores* são duas saliencias cylindricas normaes ao eixo do *extractor*; por elles se segura quando se precisa tirar o *extractor* de seu alojamento.

Chaveta de parada é uma cavilha cujas extremidades são semicilindricas tendo a superior uma *pata*. Ela aloja-se no canal vertical existente perto da face anterior da cunha, junto á borda da testa, apoiando-se pela sua *pata* que se aloja em uma depressão appropriada.

O fim da *chaveta* é manter o *extractor* em seu alojamento quando se abre a culatra, e por consequencia, impedir a sahida total da cunha; é ella tambem que impede a sahida do apparelho de armar.

16.—Supponhamos que o tiro foi dado, que a culatra conserva-se ainda fechada e que, portanto, o estojo vasio não foi retirado da camara do obuz. Todos os orgãos do mecanismo da culatra ocupam as posições representadas pelas figs. 1 a 4.

1.^o *Abrir a culatra*.—Puxa-se energeticamente para traz o punho B_1 , forçando assim a alavanca directora B a girar para a direita (fig. 3). No cimeço desse movimento o entalhe existente na placa de ligação dos dous braços da alavanca directora, comprime a mola por intermedio do dente do ferrolho, fazendo este baixar no seu alojamento.

Simultaneamente os talões directores apoiam-se nas respectivas estrias, forçando a cunha para a direita e para fóra da mortagem durante a rotação ulterior da alavanca.

Com a continuação da rotação os talões directores continuam a deslizar nas suas estrias até que a culatra fique inteiramente aberta.

No momento em que se abre a culatra os planos inclinados da cunha chocam violentemente as unhas do extractor, fazendo este oscilar bruscamente em torno do seu eixo, de maneira que o garfo, formado pelas garras reúna vivamente, lançando para fóra da cunha o estojo vasio.

Quando a culatra está inteiramente aberta o mecanismo acha-se então na posição de carregamento.

2.^o *Carregar o obuz*.—Quando se introduz o cartucho na camara do obuz, a virola do estojo arrasta consigo as garras do extractor para deante até que voltem novamente a applicar-se contra a parede anterior da mortagem. O extractor passa então a ocupar a posição de repouso.

3.^o *Fechar a culatra*.—Para fechar a culatra puxa-se primeiramente e depois empurra-se vigorosamente para a frente o punho da alavanca directora. Durante esse movimento os talões directores exercem pressão nas respectivas estrias obrigando a cunha a entrar na mortagem.

Simultaneamente o ferrolho é impellido para a caixa pelo vasado da placa de ligação dos braços da alavanca directora, comprimindo assim a mola; desde que o entalhe passe por cima do dente do ferrolho, este pela tensão da mola é impellido para cima, immobilizando a alavanca directora e impedindo portanto a abertura espontânea da culatra.

A rotação da alavanca directora termina no momento em que seu braço exterior encosta na culatra.

Se na occasião de fechar-se a culatra, acontecer não ficar a cunha completamente apertada na sua mortagem, ella o ficará depois, á força, quando se puxar o detonador.

Quando se fecha a culatra, não estando o obuz carregado, a face anterior da cunha, penetrando em sua mortagem, conduz primeiro as garras do extractor á posição de repouso; a pata da chaveta de parada leva em seguida o extractor completamente á sua posição primitiva, impedindo-o de girar espontaneamente.

O aperto da cunha em sua mortagem é feito pelos talões directores, que, no fim do seu movimento, apoiam-se contra as extremidades de suas respectivas estrias, estabelecendo uma ligação rigida, que tem como resultado aliviar das pressões, por occasião do tiro, tanto as orelhas da culatra como o pino charneira.

4.^o *Disparar o obuz*.—Para se disparar o obuz puxa-se violentamente o gatilho até o limite de seu movimento. Resulta que o nariz de escapamento (fig. 5), por intermedio da *noz de armar* força o braço direito da alavanca de armar a executar uma pequena oscillação á esquerda em torno do eixo, de maneira que o braço esquerdo dessa alavanca impelle o percussor para traz, comprimindo assim a sua mola. Desde que a mola tem attingido a sua maxima compressão, o nariz de escapamento solta o dente da *noz*.

(Continua)

Comando de tropa em gabinete

(Continuação da pag. 128)

devem estacionar junto com os respectivos grupos, pois estes não podem renunciar ás suas dotações de munição, mesmo passageiramente. A approximação e a passagem ao repouso dos trens de estacionamento são feitas na conformidade do R. S. C.

Em geral, o cdte. da tropa fal-los avançar até um determinado ponto e ahi os põe á disposição das respectivas unidades para conduzil-los independentes, por exemplo: «os trens de estacionamento podem das 14 horas em deante ser retirados de *Obernaumen*». No nosso caso as tropas vão ter nova repartição e novo emprego. Deixando a estrada de marcha actual, elles vão dirigir-se pelos caminhos mais curtos ás suas respectivas zonas de acantonamento.

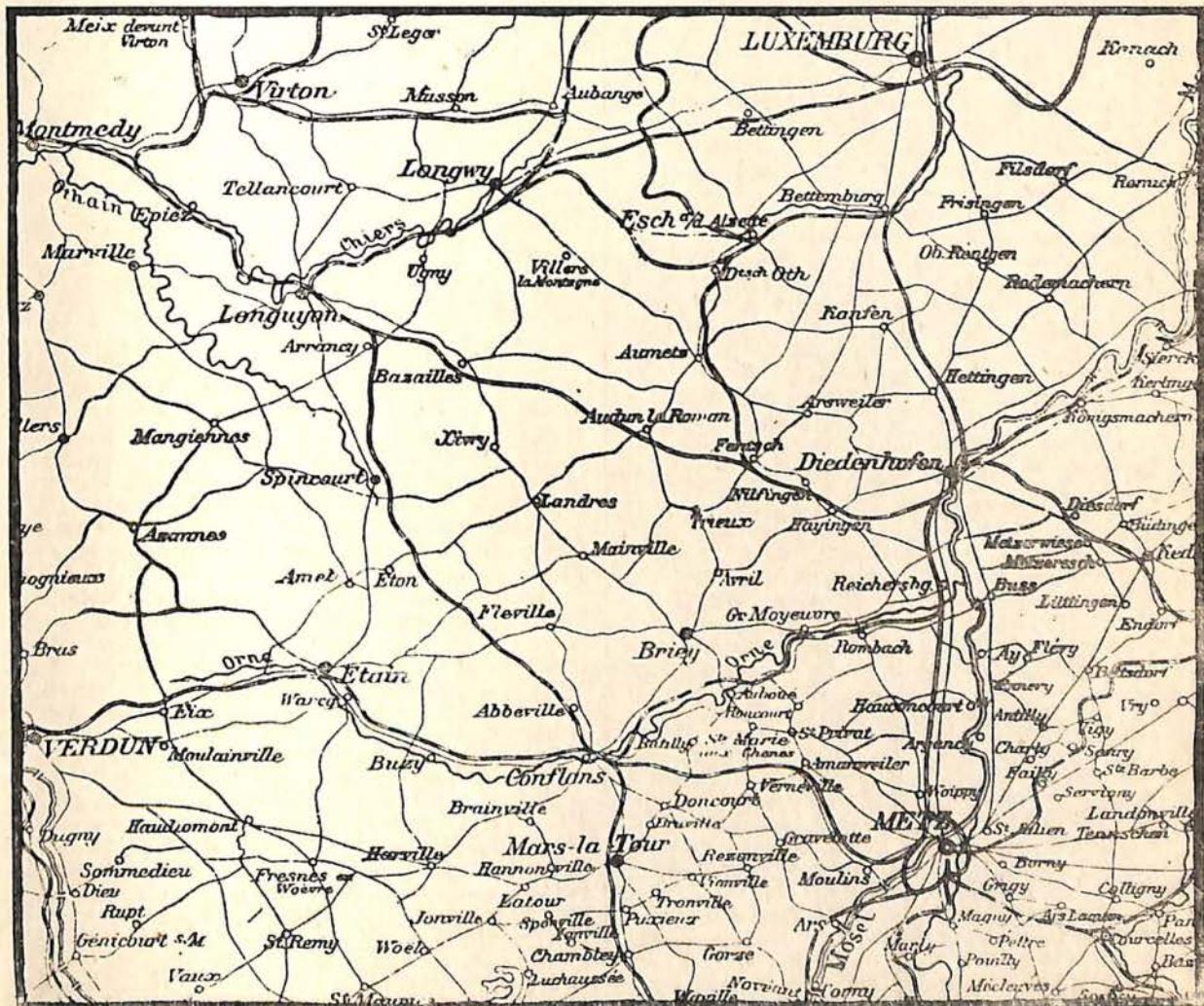
Por isto o quartel general da divisão permite que elas levem consigo, independentes, seus trens de estacionamento.

A separação de um *escalão de combate* das columnas de munições e comboios só se faz quando elle deve ter um emprego tactico, por conseguinte, quando se tem em vista um combate. Até esse momento ellas seguem reunidas atra-

das tropas a cerca de um dia de marcha. As columnas necessarias á alimentação avançam isoladas. No caso de marcha de frente indicam-se ás columnas de munições e comboios seus objectivos de marcha que devem ser attingidos a uma determinada hora. Não é recommendavel leval-los a traz dos trens de estacionamento a distancias prescriptas.

Finalmente se deve mencionar no fim da ordem de estacionamento o local do quartel general e a hora em que será dada a ordem, caso o cdte. da divisão não prefira fazer esta comunicação directamente ás autoridades que lhe estão subordinadas. No caso presente nada se pode objectar contra uma recepção da ordem em commun no acantonamento de *Diedenhofen* e arredores.

Emissão e transmissão de ordens.—Por um lado em consequencia do grande espaço que ocupam as actuaes massas de tropas e por outro lado em vista dos excellentes meios technicos de communicação, como telegrapho, telephone, automovel, motocycleta, balões dirigiveis, aeroplano, etc., a maneira de emittir e transmitir, está muito diferente do que era antigamente. Quasi sempre não é mais exequivel a antiga reunião usual dos recebedores de ordens no



estado maior do commando superior. Innumeras vezes torna-se mais adequado enviar primeiro á tropa ordens curtas, telegraphicas ou telephonicas, concernentes á hora de partida, estrada e objectivo de marcha para o proximo dia. A ordem completa segue mais tarde por meio de automovel, motocycleta, official de ordens, etc. Frequentemente, por causa das noticias sobre o inimigo, que chegam tarde, assim como as ordens das autoridades superiores, só na manhã seguinte podem as tropas receber a ordem completa quando já estão reunidas na estrada de marcha.

Segundo este ultimo modo de proceder nem sempre é possivel a disposição das tropas na columna de marcha segundo o R. S. C. Pelo contrario, torna-se necessaria, assim como nas formaturas á noite, uma reunião em grupamentos ao longo da estrada em formação de marcha ou de reunião, conforme as circumstancias. As ordens verbais devem sempre ser logo registradas segundo dispõe o R. S. C.

O official de Subsistência

CONTINUAÇÃO

Conhecimento das prescrições

O oficial de subsistencias só será útil á tropa se elle, como seu commandante, conhecer os problemas a resolver no domínio da subsistencia da tropa. Ambos tratarão pois de saber quaes os regulamentos e mais prescrições onde possam estalar o que precisam conhecer. São principalmente estes quatro regulamentos: *Directiva para a subsistencia do exercito de campanha* (Subs. E. C.), *R. de alimentação em campanha* (R. Al. C.), *R. de requisições de guerra* (R. Req. C.), *R. do serviço dos armazens de campanha* (R. Arm. C.).

Os pontos que o official de subsistencia precisa conhecer acham-se esparsos nesses quatro regulamentos, e não são facéis de achar; além disso o Subs. E. C. não está ao seu alcance, nem em tempo de guerra. Mas o departamento da administração da Guerra resolveu essa dificuldade publicando um extracto sob o título «Tabellas de subsistencias em campanha» (T. Subs.). Desde então estas tabellas constituem um *vade-mecum* do commandante de tropa e do official de subsistencia. Elas contém:

Tabella I. — Dados sobre peso das rações para soldados e cavallos, para efectivos até 50.000. Esta é a mais volumosa do livreto e serve, como se vê, para a rapida determinação do peso das rações de subsistencia no recebimento e lançamento de recibo.

Tabella II. — Expedientes para medição de generos de subsistencia por meio de marmitas, canecas do equipamento, latas regulamentares de café, etc., e cantil.

Tabella III. — Equivalencia de pesos (kg e t) em rações de viveres e de forragem.

Tabella IV a. — Dados sobre o peso de uma ração para soldado conforme a constituição della, inclusive a embalagem.

b) Idem sobre as rações de reserva, taes como devem ser levadas pelos soldados ou nos cavallos.

Tabella V. — Espaço necessário para transporte ou armazenagem de subsistencias de campanha.

Tabella VI. — Dimensões e capacidade das diversas barracas e cobertas impermeaveis usuaes no serviço de administração de armazens de campanha.

Tabella VII. — Indicação das capacidades dos meios de transporte (carros, carroças, etc., trens e navios).

Tabella VIII. — Dados sobre peso de sacos cheios ou caixas cheias, de diversos generos. Exemplos de carregamento de comboios administrativos e comboios auxiliares.

Tabella IX. — Meios de transporte necessarios para gado em pé.

Tabella X. — Dados sobre peso de gado em pé, comparados com o do gado abatido e numero de cabeças necessarias para determinado efectivo.

Tabella XI. — Dados sobre a construção e a capacidade de rendimento de padarias de campanha.

**

A estas tabellas segue-se um extracto dos outros ires referidos regulamentos, proporcionando uma recapitulação laconica e condensada das suas disposições capitais sobre a subsistencia em campanha.

Aliás o R. S. C. tambem traz um capitulo sobre a alimentação em campanha; ⁽¹⁾ transcrevemos dahi duas passagens que se referem ás obrigações que neste assumpto cabem aos commandantes de tropa e officiaes de subsistencia:

Art. 151. — No theatro da guerra todos os chefes militares têm a obrigação de assegurar com todo o empenho e constantemente a farta alimentação de suas tropas, ⁽²⁾ promovendo-a si necessário fôr mediante providencias de sua iniciativa. ⁽³⁾ Por principio os recursos locaes, da zona de guerra, devem ser utilizados até onde fôr possivel. ⁽⁴⁾

Art. 466. — São da sua alcada (dos officiaes de subsistencia) o recebimento, a compra ou a requisição de viveres e necessarios de bivaque para a tropa. Dirigem a carneação, fiscalisam o trafego das viaturas de subsistencia (trem regimental) entre a tropa e os pontos de recebimento, o carregamento das cosinhas de campanha.

São responsaveis pela ordem no funcionamento de todo o serviço de subsistencia da tropa, inclusive pela actividade dos sargentos-intendentes e mais pessoal desse serviço. ⁽⁵⁾

Ficam assim demarcados os objectivos do serviço do official de subsistencia. Os problemas que dahi se desenrolam na pratica são os mais variados. Vamos ensaiar, a seguir, o seu esboço, escolhendo a ordem a que obedecem na mobilização.

Está claro que se tratará nessa exposição de um quadro traçado de um ponto de vista individual do autor, que bem reconhece que o desenrolar dum campanha apresentará outros problemas, por elle não tocados.

(A seguir: Problemas do periodo de mobilização até á saída das tropas de sua guarnição. Problemas durante o transporte ferro-viário. Problemas na zona de concentração. Problemas durante as operações. Preparação dos officiaes de subsistencias durante a paz).

(Continua)

(1) No R. S. C. braz. atos. 536 a 593.

(2) R. S. C. braz. 538.

(3) Id. 539, 2^a prop.

(4) Id. 544, 1^a prop.

(5) Nada traz o R. S. C. braz. neste sentido. Vd. a introdução deste trabalho no n. 63, pag. 101.

EXAMES THEORICOS DE RECRUTAS

III

SEGURANÇA EM MARCHA

Outras situações do soldado no serviço em campanha

Instrução individual	Idéa geral sobre o conjunto do serviço.	Os homens conduzem as armas carregadas. Ordinariamente, perto do inimigo, marcham em atiradores, aproveitando os abrigos e observando. Marchar resolutamente para evitar paradas da columna. Observar com cuidado os obstáculos grandes e sumariamente os pequenos. Só fazer alto onde possam bem observar. Não deixar sem prender as pessoas que vêm do lado inimigo. Obstáculos não ocupados devem ser transpostos rapidamente. Obstáculos ocupados devem ser atacados por uma parte dos esclarecedores, enquanto a outra deve progredir, ameaçando-os. Alturas encontradas devem ser galgadas rapidamente, mas com cuidado ao aproximar-se da crista; as pequenas devem ser contornadas por alguns esclarecedores. Córtes e pontes devem ser antes observados e depois transpostos rapidamente. Bosques encontrados, ganhar rapidamente a orla opposta, contornando-os também se são pequenos e penetrando sómente se são grandes. Casas, fazendas devem ser observadas desde longe e batidas depois em seu interior; interrogam-se os habitantes e especialmente as crianças. Pequenos logares habitados são contornados e batidos pelo interior, ganhando rapidamente a orla opposta; à noite, os esclarecedores se aproximam cautelosamente e escutam, apoderando-se de habitantes, se possível; denunciada a presença, transpolos rapidamente.
	Conducta dos esclarecedores	Para os casos de encontro com o inimigo, os chefes fazem recomendações especiaes. O homem (ou fila de ligação) não deve perder de vista os elementos que elle tem por missão ligar; transmite as ordens e comunicações; faz os signaes para os homens encarregados de observalos e que marcham na testa e cauda de cada escalão (R. S. C. 290); nunca volta sobre o caminho já andado, salvo se fôr fila; cessada sua necessidade, reunir-se imediatamente ao seu escalão.
	Ligações	O homem encarregado para observar o de ligação attende os signaes deste promptamente, leva-lhe as ordens ou comunicações vindas da rectaguarda e recebe sem voltar as vindas da frente. Exemplos de alguns recursos empregados nas ligações e exercitados desde o tempo de paz: signaes, galhos de arvore, luzes, bandeiras, vozes, assobios, imitação do canto de passaros, o ladrar do cão, etc.
	V	
Transmissão de ordens e informações	Repetir a ordem (casos verbaes) ou informações, esforçando-s', ao transmittir-a, para empregar as mesmas palavras.	
	Saber para onde volta.	Orientar-se durante o itinerario (139 do R. S. C.).
Comboios	Zelar para que o despacho não caiá nas mãos do inimigo.	Inutilizar o despacho, caso seja surprehendido e não possa escapar-se.
	Procurar a autoridade mais proxima, caso fique impossibilitado de cumprir a missão.	Caso precise, solicitar qualquer assistencia ás autoridades para o cumprimento de sua missão.
De prisioneiros.	Se, montado, não diminuir a andadura ao passar por superior e apenas dizer-lhe, em voz alta: <i>serviço urgente</i> ; não é obrigado a apeiar-se para entregar o despacho.	Se, montado, não diminuir a andadura ao passar por superior e apenas dizer-lhe, em voz alta: <i>serviço urgente</i> ; não é obrigado a apeiar-se para entregar o despacho.
	Solicitar o recibo, quando não lh'o derem, uma vez entregue a ordem.	
De doentes e feridos:	Apresentar-se á autoridade que enviou a ordem, dizendo: <i>dada a ordem</i> (casos verbaes), ou entregando recibo (casos scriptos), <i>caso não tenha outra comunicação a fazer</i> .	
	No caso de perigo imminente (vêr 157 do R. S. C.).	
Parlamentarios	Quaesquer: quando os conductores são civis, as praças que marcham junto ás viaturas devem se conduzir de modo que os conductores se atenham a seus deveres (615 do R. S. C.)	
	E' prohibido: conversa entre homens da escolta e prisioneiros, assim como qualquer comunicação entre estes e civis.	
Quem cahir prisioneiro:	Evitar rigores excessivos, actos ou palavras que possam molestar os prisioneiros.	
	Ser severo quando preciso.	Manifestações de indisciplina e desobediencia devem ser reprimidas com energia.
Outras situações do soldado no serviço em campanha	Em caso de ataque, obriga-se que os prisioneiros se deitem, difficultando-se com recursos materiaes que se levantem; atira-se nos que tentarem se levantar.	Em caso de ataque, obriga-se que os prisioneiros se deitem, difficultando-se com recursos materiaes que se levantem; atira-se nos que tentarem se levantar.
	De doentes e feridos: <i>amigos</i> , tratados com a maior solicitude; <i>inimigos</i> , com bondade mas sem desprezar a vigilancia.	
Quem cahir prisioneiro:	Parlamentarios: é prohibido conversar com qualquer parlamentario, mas, se fôr obrigado, evitar indiscreção.	
	Quem cahir prisioneiro: não se intimidar com os interrogatorios e evitar respostas que compromettam a segurança das forças amigas.	

IV

Idéa geral sobre o conjunto do serviço.

SEGURANÇA EM ESTAÇÃO

Instrução individual (sentinelas)

Deveres	Gerais	<p>Estar senhor do serviço e executá-lo com rigor. Saber se conduzir no terreno, dissimulando-se para não ser visto pelo inimigo. Estar sempre com a vista e ouvido attentos. Não se deixar ouvir pelo inimigo. Não prejudicar a observação por uma dissimulação exagerada. Orientar-se por pontos do terreno para poder observar e informar com precisão. Ter a arma carregada, trazel-a suspensa ou descançada e nunca no ombro; á noite, armar baioneta. Não se deixar dominar por emoções a ponto de disparar a arma sem motivo. Não se distrahir do serviço, mesmo com a presença de superiores. Evitar tudo que possa distrahir (fumo, conversa, etc.). Não se presta continencia. Não se deitar nem sentar. Saber reconhecer as pessoas ou grupos que se apresentam.</p>	
		<p>Saber se conduzir em face</p>	<p>Dos movimentos de forças inimigas. Dos ataques: só atirando em defesa pessoal, quando não haja tempo de informar ao p. p. ou quando alguém tentar forçar a linha de sentinelas. Retirar-se combatendo.</p>
Particulares	Deveres	<p>Toda sentinella deve procurar saber quando não lhe derem:</p> <p>Seu enquadramento</p>	<p>Na frente: a direcção do inimigo, sector a observar e a descrição do terreno para orientar-se. Dos lados: onde se acham os grupos vizinhos. A rectaguarda: logares do p. p.; da sentinella das armas, do P. P.; signaes para comunicações com a sentinella das armas, caminho para retirar-se, em caso de ataque, e posição a ocupar no p. p., caso se retire. Senha e contra senha. Signaes de reconhecimento. Informações sobre forças amigas que operam no respectivo sector.</p>
Serviço	Reconhecer	<p>Da sentinelha das armas: Conhecer os logares das sentinelas e postos vizinhos. Conhecer as instruções para o serviço de rondas, patrulhas, etc. Visitar o terreno entre o p. p. e as sentinelas, informar ao commandante do p. p. os incidentes suspeitos, responder os signaes das sentinelas e impedir os homens do p. p. de se afastarem.</p> <p>Da sentinelha móvel: explorar o terreno vizinho, levar informações ao p. p. e comunicar-se com as sentinelas vizinhas.</p> <p>Da sentinelha destinada a manter a ordem no acampamento</p>	<p>De dia, prender os individuos suspeitos; á noite, qualquer pessoa que procure se introduzir no acampamento, mesmo soldados de outras unidades. A sentinella do coronel o avverte de qualquer movimento extraordinario que observe. Toda sentinella deve saber indicar o caminho do posto central.</p>
		<p>Render seu companheiro, chegada a hora, e voltar para o p. p., uma vez rendido. Receber as ordens da sentinella que sahe e informações que ella tiver colhido durante seu quarto.</p> <p>Prestar ao commandante do p. p., ao chegar, as informações que colheu. Observar, quando de quarto, o sector afecto. Informar aos superiores da companhia, rondas e patrulhas tudo que tenha observado durante seu quarto.</p> <p>Fazer parar os que se approximam da linha de sentinelas, atirando nos que desobedecerem.</p> <p>Chamar o commandante do p. p. para reconhecer os que se approximam. Deixar passar de dia as forças amigas de que tenha aviso.</p> <p>Os parlamentarios, ordenando-lhes que voltem as costas para o acampamento. Os desertores, ordenando-lhes que se desarmem, que se apeiem, caso venham montados, ou atirando nos que desobedecerem. As pessoas isoladas. A' noite, as rondas, patrulhas e outras forças, ordenando que apenas o chefe do grupo se approxime em primeiro lugar.</p>	

EXERCICIOS A' NOITE

De um livro de Immanuel. Traducção do capitão A. A. Villanova.

GENERALIDADES

II

FUNDAMENTOS DA INSTRUÇÃO

(Continuação)

11. Holophotes: infelizmente não estão á disposição das tropas para os exercícios regulamentares. Elles pertencem ao apparelhamento das fortalezas e na guerra de campanha são encontrados nos batalhões de sapadores. Só mesmo nos exercícios de fortaleza ou nos grandes exercícios se poderão utilizar holophotes. Em todo caso não se deve perder occasião de habituar a tropa ao comportamento que deve ter sob sua luz. Na falta de holophote pode servir a pistola illuminativa ou o foguete illuminativo. O que se tem em vista é que a tropa na luz do holophote saiba jogar-se imediatamente no chão e ficar completamente immovel até que o feixe luminoso tenha passado. Muitas vezes será preferível o simples alto, afim de que pelo movimento feito ao jogar-se no chão a tropa não traia sua presença.

O terreno e a situação decidem em cada caso particular. É preciso contar-se com uma exploração methodica do terreno feita pelo inimigo com o feixe luminoso. Esta circunstância deve ser cuidadosamente ponderada porque mesmo á noite o terreno é utilizado nas medidas do possível para movimentos e collocação de tropas.

Só se fará áltos nas baixadas, atraç de cobertas, não se marchará pelas cristas, finalmente, tomar-se-ão todas as providencias para que a tropa não seja surprehendida pela luz dos holophotes; si apesar de tudo tal acontecer, deverá ella, o mais rapidamente que puder, procurar abrigar-se como fôr possível. Deve-se recordar que a luz dos holophotes era temida como o «mais perigoso inimigo» pelos japonezes diante de Porto Arthur. Si na qualidade de atacante se utilizam holophotes, pistolas illuminativas ou foguetes illuminativos, é preciso tomar providencias afim de que as proprias tropas não sejam trahidas pela luz, sendo preciso, pois, que a fonte luminosa não entre em actividade junto da tropa. Si excepcionalmente se tiver que combater pelo fogo á noite, utilizam-se os momentos em que a luz artificial illumina o inimigo para abrir o fogo e para dirigir as armas segundo as direcções de tiro e alvos que foram reconhecidos.

12. Muitas vezes apresenta-se como objecção contra a pratica de exercícios nocturnos a dificuldade de encontrar os terrenos necessarios sem causar prejuízo ás plantações. Por isso ficar-se-á em geral adstrito aos campos de instrução e caso se tenha que fazer exercícios fóra delles, será necessário explorar cuidadosamente de dia qual o terreno que pode ser utilizado. Deve-se tomar nota dos aramados, buracos, tremedas, etc., afim de evitar desastres. Nos logares perigosos fincam-se postes para assinalal-los.

13. No inverno, relativamente ao tempo para a execução de exercícios nocturnos, é prejudicial o facto de haver aula para os inferiores na maioria das noites, donde resulta que exacta-

mente o tempo mais commodo para a tropa é perdido ou limitado. Em tais condições nada mais resta sinão utilizar as noites em que não ha aula ou então fazer os exercícios com pessoal auxiliar reduzido. Nos meses de verão escurece tão tarde que uma grande parte da noite precisa ser sacrificada afim de que o exercicio seja devêras nocturno.

Deve-se ver que depois dos trabalhos do dia, o exercicio nocturno é uma não pequena sobrecarga para a tropa, diminue seu tempo de repouso e ás vezes exige consideraveis esforços. Em todo caso são indispensaveis para que a tropa seja preparada conforme ás exigencias da guerra e requerem um conveniente emprego de tempo e esforço. Está também inteiramente no espirito do nosso regulamento que se provoquem e desenvolvam esforços da tropa. «Esforços e privações», diz a esse respeito o R. S. C. 37, «nos exercícios dos tempos de paz são por isso meios de grande valôr para a preparação do soldado; elles fortalecem a força da vontade e a confiança de cada homem em si mesmo». Não se praticam, porém, excessos e não se forneça, com exigencias exageradas, pretexto e talvez mesmo certa razão de queixa a elementos dados á comodidade e inclinados ao descontentamento.

Os exercícios nocturnos perturbam a marcha normal do serviço regulamentar e avançam no horario usual. Por isso não se o prolongue de mais e dê-se á tropa antes e depois o tempo necessário para repousar.

A sequencia dos exercícios nocturnos depende tanto das condições locaes que não é possivel dar regras geraes a seu respeito. O que é preciso ter-se em vista é que os chefes e a tropa devem ser radicalmente adextrados para as diversas missões á noite em todas as estações do anno e preparados para as exigencias da guerra.

Não se esqueça tambem, no inverno, de fazer os homens vestir roupas quentes (capote, roupas de baixo, tapa-orelhas, luvas); de providenciar para a obtenção de palha e abrigo em herades, etc., nos exercícios de segurança prolongados (serviços de postos avançados); de fornecer-lhes, como concessão especial, café e outros restaurantes ou tel-os prompts para quando a tropa regressar ao quartel.

Mais alto do que este cuidado material, que é o bello e grato apanagio do chefe, paira o objectivo — que o bom humor dos subordinados e da tropa no serviço deve ser mantido apesar dos exercícios nocturnos. O superior alcança tal objectivo — si é que para isso seja permitida uma indicação — fazendo com que os seus subordinados se convençam, pela pratica, da necessidade e dos fins militares de tais exercícios e que os leve a efecto com tantas alternativas, tão empolgantes e tão instructivos o quanto seja possivel. Para isto é necessário antes de tudo um plano de instrução preciso e bem ponderado, que vise, por meio de uma progressão escalonada, alcançar fins determinados sem desperdicio de tempo e forças.

Antes de cada exercicio nocturno é preciso que se saiba exactamente o que é que se quer exercitar e ensinar, no que é que se quer adextrar e instruir a tropa. Os subordinados e a tropa ligarão, então, importancia aos exercícios nocturnos e os desejaráo, em vez de ver nelles uma desagradável sobrecarga, um não desejado acre-

scimo aos exercícios diários. Então não se fará referencia á phrase ás vezes ouvida: «A noite não é amiga do homem; certamente nenhuma batalha será decidida á noite, portanto de noite, deixe-se a tropa no quartel.. Ao contrario, imp!antar-se-á a convicção de que os exercícios nocturnos bem planejados e ponderados constituem una indispensavel condição para a victoria na guerra do nosso tempo, portanto um complemento necessário e bemvindo da nossa instrucção. Patrocinar e firmar esta noção pela pratica deve ser o objectivo visado por todo chefe encarregado de organizar e dirigir exercícios á noite. Isto servirá á tropa e ao fim visado.

14. *Inspecção* — uma palavra aspera, que a principio assustará muitos. Póde-se dizer: assim como assim já temos bastante inspecções. E agora ainda mais? E, além de tudo, de noite, quando finalmente nada se vê? Não é isso em si uma contradicção? Pois bem, quem implicar somente com a palavra, que diga «prova» em vez de «inspecção». Em todo caso, baseados em ensinamentos praticos, applicamos o principio de que só se trabalha efficazmente naquillo que visa um fim determinado e que tem de ser afinal submetido a julgamento. Muitos caracteres certamente não precisam disso, pois que de qualquer modo trabalham com perfeição. Para a maioria, para os mediocres, não se deve, porém, dispensar uma inspecção. Por isso somos de opinião que para os recrutas, depois da terminação de sua instrucção especial, deve-se exigir uma prova simples, o quanto baste para que os superiores (commandante do batalhão ou do regimento) verifiquem si elles satisfazem os principios fundamentaes da instrucção constantes do art. 157^a do R. E. I.

Pelos fins da instrucção de verão¹⁾ a companhia, que também é «a unidade» para os exercícios nocturnos, deve ser inspecionada pelo commandante de batalhão ou de regimento em combater á noite, em exploração nocturna, em vencer obstáculos, em entrincheirar-se e no serviço de postos avançados á noite. Si estas inspecções, que devem ter lugar sob a forma de missões a desempenhar e que devem ir até aos detalhes, forem feitas em fins de julho ou principios de agosto, ter-se-á a garantia de que a companhia está bem adextrada para as exigencias da guerra, que devem ser impostas por manobras bem planejadas. E' preferivel desistir de uma inspecção desnecessaria: aqui, porém, ella é necessaria. Quando uma dessas inspecções é organisada de modo empolgante e instructivo, não prejudica o bom humor da tropa e é util em alto grao.

Marchas á noite

O R. S. C. bras. em seu n. 192 indica muito ligeiramente as principaes condições a observar nas marchas nocturnas:

«Devem ser tomadas as precauções para regularizar a marcha e manter itinerarios certos. E' mistér estabelecer: ordem e silencio absolutos, velocidade menor, altos mais frequentes ou mais longos. O official que marcha á testa de cada escala deve conduzir uma lanterna surda e ser acompanhado de um bom guia.

Nas encruzilhadas collocam-se graduados para indicarem a direcção. Esses graduados são substituidos successivamente por outros fornecidos pelas unidades ou elementos seguintes.

Antes de clarear o dia, fazer um alto sufficiente para uma pequena refeição e café.

A artilharia segue á retaguarda. De antemão serão dadas as ordens precisas para que, ao alvorecer, os diferentes elementos retomen seus lugares.

Com o auxilio de boas cartas, na escala de 1: 100.000, não será difficult acertar o caminho quando se tem de marchar por estradas e caminhos. O edte. da ponta ou o official encarregado de determinar o itinerario a seguir deve, com o auxilio da lanterna electrica de algibeira, consultar a tempo a carta e em caso de necessidade tambem a bussola, afim de evitar enganos e não causar interrupção na marcha.

Será mais difficult precisar o itinerario a seguir quando se dispuzér de más cartas ou quando não se dispuzér de cartas, quando reinar grande escridão, etc.

As maiores difficultades surgem logo que se tenha de marchar fóra das estradas e caminhos, talvez mesmo com as aggravantes acima mencionadas. Afim de se estar preparado para taes situações é necessario que ellas sejam tornadas frequentemente objecto de exercícios empolgantes e instructivos. Quando se dispõe de tempo é recommendavel, no caso de condições especialmente difficultes, enviar officiaes montados ainda com dia ou ao começo o crepusculo para reconhecerem o caminho e servir de guia. Si houver falta de taes officiaes ou si as circumstancias não permittirem o seu emprego, encarregar-se-ão pequenos destacamentos sob o commando de officiaes de *assignalar o caminho*.

O superior, ao dar as suas instruções, procede de modo a indicar na carta daquelle que vai assignalar o caminho, por meio de um lapis azul ou encarnado, o percurso a fazer. Para desempenhar a missão o subordinado procura, com o auxilio da carta ou da bussola, por meio de uma exploração pessoalmente feita ou por meio de indicações de habitantes, os caminhos a seguir e assignala o itinerario. Em todos os pontos onde possa haver duvida collocar-se-á uma sentinella e nos pontos particularmente importantes collocar-se-á um sargento. O homem collocado nesses pontos indica o caminho á ponta da força e deve estar habilitado a acompanhal-a até á proxima sentinella quando isso lhe fôr solicitado.

Quando a força não é seguida de outras marchando pelo mesmo caminho, os homens empregados no assignalamento incorporam-se á cauda da columnna e são por esse modo reunidos. O official deve naturalmente levar em conta o numero de homens que são postos á sua disposição para guiar-se na escolha e no numero de pontos a assignalar. Os exercícios dessa natureza são muito proprios para adextrar os chefes inferiores e a tropa e para habitual-los com as particularidades do serviço á noite.

Para manter a ligação nas marchas nocturnas é necessario encurtar as distancias entre ponta, testa, grosso, etc. Ao fazer-se isso, porém, deve-se evitar cerrar demasiadamente a columnna, porque do contrario não se disporá do escalonamento em profundidade que mesmo á noite é necessario ao desenvolvimento para o combate. Além disso as surpresas resultantes de encontros inesperados da ponta com o inimigo podem facilmente transmittir-se ás partes seguintes da columnna quando faltam as distancias.

Os homens de ligação devem ser tão nume-

(1) Para nós inverno.

rosos que se torne impossível a perda da cohesão. Nos cruzamentos de estradas, ao abandonar-se a estrada de marcha, nos logares duvidosos, o homem ou a fila de ligação pára até que o proximo homem, etc., seja bem instruído sobre a direcção a seguir. A missão de agente de ligação necessita de uma instrução especial e deve ser exercitada nos menores detalhes, pois isso favorece consideravelmente a educação destinada a dar certa iniciativa aos homens. Os soldados devem ser instruídos na transmissão rápida e em voz baixa de ordens e informações.

Para manter a coesão da coluna de marcha é preciso, como já mostramos, moderar a velocidade da marcha. A esse respeito a tropa também precisa ser detalhadamente instruída e exercitada. Se o avançar muito rápido da ponta alonga a coluna e pode obrigar a cauda ao marchar-marche, uma marcha muito lenta dessa ponta pode conduzir à interrupção e a fatigantes altos. O justo meio-termo será encontrado por meio de exercícios.

As marchas nocturnas exigem a maior calma e silêncio, cuja necessidade aumenta com o aproximar-se a tropa do inimigo e já mesmo com a possibilidade de um choque inesperado com o adversário. Já por causas educativas não se deve de modo algum adiñir nas marchas nocturnas o fallar em voz alta nem barulhos produzidos pelo armamento e equipamento. As vozes de comando e as necessárias a qualquer disposição serão pronunciadas tão baixo quanto cabível, os manejos serão executados com o menor ruido possível. O fumar pode ser proibido em caso de necessidade; as lanternas devem ser apagadas logo que se desconfiar que a coluna pode ser trahida pela sua luz. Nas grandes colunas os cavalos de mão devem ser conduzidos no fim da coluna, pelo menos tão á retaguarda que não atrapalhem.

Do mesmo modo pode-se proceder com as viaturas do trem de combate, caso não tenham sido deixados para traz afim de avançarem mais tarde. Em caminhos estreitos e à noite as viaturas podem tornar-se perigosos entraves para a marcha. Nas estradas solidas o rodar das viaturas é perceptível ao longe nas noites tranquillas e pode trair a marcha da tropa.

(Continua).

Instruções para o quartel-general de uma divisão de cavalaria

(TRADUÇÃO)

Missão

Está decretada a mobilização. O Sr. está nomeado chefe do estado-maior de uma divisão de cavalaria. Ao apresentar-se na localidade da mobilização do comando da divisão o general cdte. lhe communica que o quartel-general embarcará dentro de poucas horas. Durante a viagem de estrada de ferro o Sr. vai trabalhar sobre as seguintes questões, e a respeito delas fará relatório verbal ao chegar na zona de concentração:

1. Proposta sobre a organização do serviço para todos os órgãos do quartel-general no campo e em quartel (distribuição dos diversos serviços, etc.). Quanto à composição do quartel-general vêr o quadro das formações de guerra.

2. Proposta sobre a organização do conjunto do serviço de informações.

3. Que destacamentos de tropa são necessários para o quartel-general? Qual o efectivo a que este assim atinge em oficiais, funcionários, sargentos, graduados, soldados, cavalos e viaturas?

4. Calculo da subsistência diária para este pessoal e os cavalos.

5. Atribuições do cdte. do quartel-general? (em fórmula de instruções).

6. Indicações geraes de serviço para o cdte. do trem de estacionamento da divisão? (em fórmula de instruções).

7. Propostas sobre o emprego do correio de campanha da divisão na zona de concentração e na marcha de frente, na hypothese de que a divisão é empregada estrategicamente na frente de um exercito.

8. Proposta sobre o emprego dos 3 automóveis de pessoas e do auto-caminhão do quartel-general, bem como dos ciclistas das tropas da divisão (seu numero?).

9. Quaes os pontos que, ouvidos todos os órgãos do quartel-general, devem depois da chegada na zona de concentração ser tratados na primeira ordem do dia da divisão?

I

Organização do serviço no quartel-general

1. Prescrições geraes

1. O serviço de escripta deve ser reduzido ao indispensável.

2. O cdte. da divisão não deve ser distraído para nenhum assumpto que não dependa absolutamente de decisão sua.

3. A utilização de quaesquer meios de comunicação tem que ser precedida do entendimento com o auxiliar do estado-maior (*I b*).

4. Em todas as questões operativas e táticas é exclusivo consultor do cdte. da divisão o chefe do e. m. (*I a*), na ausencia delle o auxiliar (*I b*).

5. Todas as secções têm que combinar previamente com *I a* as questões que interfiram seu domínio, antes de se entenderem com o cdte. da divisão.

6. Os itens a acrescentar nas ordens por qualquer secção devem ser apresenta-

dos ao *Ia* e sempre sob a fórmula prompta para inclui-los na ordem.

7. Todos os membros do quartel-general tem por estrito dever a máxima discreção, mórmente em suas cartas particulares, principalmente a respeito de todos os successos ou intenções operativas.

8. Todos os telegrams, partes, relatórios, ordens, relativos ás operações não devem ser incluidos como a restante correspondencia no diario geral de operações, mas em um diario especial secreto, escripturado por *Ib*. As notas de entrada e saída devem levar, além da data, a hora e os minutos, bem como portador.

9. Correspondencia sem valor para o serviço, deve ser queimada por ordem de *Ia* ou *IIa*. Correspondencia não resolvida deve ser guardada em pasta fechada a chave. (*)

2. Em marcha e em combate

1. Junto ao cdte. da D. vão só os dois officiaes do estado-maior (*Ia* e *Ib*) e um oficial de ordens.

2. O resto do quartel-general é conduzido pelo *IIa*, a pequena distância. Ali seguem quando não afastados em serviço: *IIb*, *IIc*, *IVa*, *IVb*, o cdte. da secção de signaleiros, os demais officiaes de ordens, os officiaes temporariamente addidos ao quartel-general, os corneteiros, os estafetas e o portador da flammula do cdte. da divisão, e tambem dois automoveis para pessoas. Se o cdte. da D. emprega andadura rapida este segundo escalão do quartel-general segue em marcha ordinaria. Os dois automoveis seguem por lances pela estrada mais proxima.

3. Passam temporariamente á disposição do quartel-general: o cdte. da artilharia, o do grupo de metralhadoras e o da secção de engenharia. Compete ao *IIa* scientificar os da disposição precedente.

4. Ao *IIc* compete cuidar pela marcha correcta da escolta do quartel-general, pela instalação coberta da flammula do cdo. e dos cavallos de mão, etc. Em occasões oportunas fazer mudar de montadas, ajustar os arreios, beber e forragear.

5. O auditor de guerra (secção *III*) pôde marchar na testa do trem de estacionamento.

(*) *Ia* e *Ib* officiaes de estado-maior (chefe e auxiliar); *IIa* e *IIb* ajudantes (1^o e 2^o); *IIc* cdte. do quartel general; *III* auditor da guerra; *IVa* intendente; *IVb* medico.

6. Os *IIa* e *IIc* cuidam que ninguem se exponha sobre as alturas, denunciando o quartel-general.

7. O *Ia* distribue entre os officiaes do sequito immediato do cdo. a observação.

O *Ib* passa o recibo nas participações entradas, faz a sua leitura e toma as notas para o diario de operações e os relatórios de combate.

3. No quartel

1. O *Ia* fica sempre alojado com o cdte. da divisão; si possivel da mesma fórmula *Ib* e *IIa*; a secretaria, *IIb*, *IIc* e os officiaes de ordens ficam na immediação proximidade.

2. Um dos officiaes do quartel-general, exceptuados *Ia* e *Ib*, faz serviço á noite, por escala; os officiaes de ordens podem entrar nessa escala. E' o *IIa* quem diariamente designa esse oficial e um amanuense; da mesma forma *Ib* designa um automovel. Esse serviço dura das 18 horas ás 6. O official e as praças de serviço permanecem na secretaria; o automovel prompto para viajar.

3. O official de serviço recebe todas as participações que entram e as inscreve num registo. Para aquellas que se referem ás operações elle acorda o *Ib*, caso não seja evidente a sua falta de importancia. *Ib* decidirá se devem ser acordados *Ia* e o cdte. da divisão. O mesmo official de serviço fiscalisa o pessoal escaldado por *IIc* para a vigilancia nocturna.

4. Na emissão de ordens pelo *Ia* estão sempre presentes *Ib*, *IIa*, *IIb*, *IIc* e os officiaes de ordens, eventualmente tambem *IVa* e *IVb*. Todos os officiaes não ocupados na occasião tambem escrevem a ordem.

5. Todas as estações telegraphicas devem ser sempre instaladas na secretaria ou em sua immediata proximidade.

6. Só em casos excepcionaes haverá recepção de ordens diárias no quartel-general á noite. Caso por occasião da ordem de estacionamento não possa ainda ser ordenada a reunião para o dia seguinte, as brigadas etc. serão informadas a esse respeito telegraphicamente; as ordens polygraphadas ou manuscriptas poderão então ser entregues na reunião.

(Continúa)

■ Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

PALESTRA SOBRE A DEFEZA DE COSTAS

Como as fronteiras terrestres, as costas ou fronteiras marítimas de um Paiz necessitam de efficaz defesa.

E' facto incontestavel que a defesa das fronteiras terrestres, principalmente, quando estas são extensas e, como se costuma dizer, abertas ou sem obstaculos naturaes que as guarneçam ou difficultem sua transposição por forças inimigas, consiste, antes numa defesa movel ou activa do que fixa ou passiva. São os exercitos bem organizados e sobretudo bem apparelhados, com recursos de toda sorte, que effectivamente garantem a defesa terrestre de um Paiz.

De facto: ninguem se lembraria de estabelecer, ao longo das fronteiras terrestres de uma Nação, uma linha continua de fortes, com o fim de lhe constituir uma defesa irrisoriamente passiva, naturalmente mais ou menos fraca por toda a parte, altamente inconveniente no ponto de vista economico e no tocante á mobilidade e iniciativa dos exercitos em campanha. Sem duvida, estes exercitos precisam de pontos de apoio solidos, de bases de abastecimentos de toda sorte, as quaes devem ser previamente preparadas e bem fortificadas, afim de que, do começo ao termo de uma guerra, os emporios de material, as usinas do fabrico de munições, de armamentos e de reparo destes nunca fiquem expostos a qualquer ousado golpe de mão, por parte de um inimigo forte e audacioso.

Todavia, mesmo neste caso e quando o inimigo é realmente poderoso, as fortificações não fazem mais do que lhe entravar os movimentos, lhe retardar a marcha para a frente, porém, acabam quasi sempre por lhe cahirem entre as mãos, desde que outro exercito não se lhe venha antepôr. Foi isto o que sucedeu com Liège que, cidade bem fortificada e onde os belgas tinham sua grande usina siderurgica de Cockerill, só pôde resistir ao impeto do então poderoso exercito allemão por muito poucos dias, porque não dispunha de outro exercito semelhante para antepôr-se ao atacante. A mesma sorte coube a Antuerpia e assim também aconteceu com a zona fortificada da França, estendendo-se desde Chemin des Dames até quasi o Marne. Verdun, apesar de perder muitos fortes de sua defesa externa, foi a unica praça que resistiu, porque ao adestrado exercito allemão os franceses opuseram o seu não menos aguerrido exercito.

Pode-se, pois, induzir que a fortificação permanente é apenas um elemento da defesa do territorio de um Paiz, a qual pertence principalmente ao seu exercito activo. Por certo que a fortificação permanente é um elemento importante da defesa de um Paiz, mas nunca o principal, como aliás se deprehende de um topico de «La Fortificazione Permanente», de A. Guidetti, 1913, Parte sexta, Cap. I; segundo este autor o general italiano Ricci escreve:

«La difesa general di uno Stato consiste nell'impiego utile delle sue forze di terra e di mare, delle sue ferrovie e delle sue fortificazioni in funzione della sua configurazione geographica e struttura topografica; della sua constituzione politica ed economica; delle frontiere che lo dividono dagli Stati limitrofi e della potenza di questi.

In consequenza i fattori che concorrono alla soluzione di un problema tanto complesso, astrazione fatta da ogni coefficiente morale che possa modificarne il valore apparente, sono:

l'esercito;
la flotta;
le ferrovie;
le fortificazioni, etc., etc.

Vê-se, pois, que a fortificação permanente é o 4.º elemento da defesa de um Estado e, como elemento passivo que é, elle só por si, não basta ao poder deste Estado que nunca terá supremacia, nem será conduzido a victorias sinão por suas forças activas. Só aos exercitos bem apparelhados, cabe decidir da sorte de uma guerra. Não ha fortaleza que resista ao cerco e ataque de um exercito nestas condições, bem armado, bem municido, bem fornido de tudo, e bem adestrado. Przemysl passou de mão em mão na guerra actual, cedendo sempre ao poder do exercito que a sitiava. E', pois, evidente que é a potencia das forças moveis que melhor defende uma Nação, como é por ella tambem que se derrotam inimigos, que se conquistam Estados e consequentemente que se tomam fortalezas.

E', portanto, da organização e apparelhamento do seu exercito e de sua armada que uma Nação previdente deve em primeiro lugar se ocupar, nunca esquecendo que o desenvolvimento ferroviario do seu territorio, além de sua alta importancia economo-industrial, interessa a propria vitalidade do exercito. São as vias ferreas que facultam os rapidos e indispensaveis transportes dos exercitos com sua pesada impedita hodierna, com suas potentes machinas de destruição que justamente fazem a força, a base das organizações militares de hoje em dia. Von der Goltz, definindo o exercito moderno *como sendo a Nação em armas*, quasi que só se referiu ao elemento pessoal, porque não tinha necessidade de accentuar o elemento basico de toda a verdadeira organização militar, num Paiz como a Alemanha, cujo espantoso desenvolvimento industrial permittia contar sempre com o fornecimento completo de todo o material de que podesse, em qualquer occasião, carecer a *Nação em armas*. Em Estados onde a siderurgia ensaiá os primeiros vôos, é porém, forioso que se cuide seriamente no problema da organização do material, quando se pretende crear seu verdadeiro poder militar. Sem material nem munição abundante e fabricado no proprio Paiz, nunca se ha de formar sinão um simulacro de exercito, um exercito de paradas e de revistas, um exercito caricato que jamais poderá desempenhar as altas funções de que lhe incumbe a Mãe Patria.

Sem mais insistir nesta importante questão para não nos afastarmos do assumpto a que nos temos proposto tratar aqui, voltemos a considerar a fortificação permanente como elemento importante da defesa territorial de um Paiz. De tudo quanto até agora se ha dito, não se deve inferir que as praças ou campos entrincheirados representem papel de pouco valor na defesa de uma Nação. Ao contrario, não só taes campos fortificados representam pontos de apoio indispensaveis ás manobras dos grandes exercitos em campanha, como o entrincheiramento completo e permanente das cidades onde se encontram os

centros de industrias militares torna-se igualmente necessário à defesa de um Paiz.

Todavia, o que se pode deduzir do anteriormente exposto é que, sendo geralmente custosas as obras e armamentos de uma praça fortificada, todo o verdadeiro entrincheiramento deve ser criteriosamente, parcimoniosamente empregado. A distribuição destas praças fortes pelas fronteiras de uma Nação constitue um vasto e complexo problema que reclama serios estudos e muita prudencia. Segundo o Major A. Guidetti, as fortificações permanentes devem ficar situadas de modo a favorecer, na guerra, o emprego quer do exercito, quer da armada, conforme se destinem elles ao apoio e bases de um ou de outro destes activos elementos capitais da defesa de um Estado. Suas posições, porém, devem ainda obedecer á configuração geographica geral e á estructura topographica das fronteiras tanto terrestres como marítimas. Não só a natureza destas fronteiras, como a potencia militar dos Estados vizinhos e a constituição politica e economica da propria Nação tambem devem ser tomadas em consideração.

Sem descer a mais detalhes, pois, que só procuramos levantar o véo que encobre a complexidade e as difficuldades inherentes ao problema da defesa de um Paiz, teremos ainda de entrar em novas divagações para melhor indicar o papel da fortificação de costas.

A opinião mais corrente, clara e ardorosamente sustentada pelo General portuguez Sarmento e pelo Vice-Almirante Melchior, é que a defesa de costas, coia de fronteiras terrestres, deve ser essencialmente activa, cabendo principalmente á esquadra da respectiva Nação. O General Sarmento em sua Obra sobre a defesa das costas de Portugal e o Vice-Almirante Melchior em sua Monographia «La Marine et la Défense des Côtes», defendem esta ideia que corroboram por induções tiradas do estudo de innumeros factos historicos.

E' o domínio dos mares, que as fortificações permanentes nunca podem garantir, que permite a um inimigo ousado a pratica de operações de importancia e valor militares. Sem este domínio, nenhum bombardeio sério se terá a temer e muito menos qualquer desembarque ou tentativa de desembarque. Para evitar estas, como qualquer raid de um inimigo aventureiro e audacioso, o unico meio efficaz é, pois, dispôr-se de uma possante esquadra, cujo objectivo principal será procurar a frota inimiga, afim de destrui-la e assegurar o domínio dos mares. Senhor destes, pode-se effectivamente garantir que a defesa das costas do Paiz a que pertence uma tal esquadra está garantida, se acha assegurada. Pensar em defendel-as por meio de uma continua linha de fortes ou baterias não seria sómente uma vã medida, mas, como diz o Vice-Almirante Melchior no fim de uma pagina de sua Monographia:

«que ce serait une vraie folie que de songer à hérirer cette côte de canons; non seulement folie financière, mais folie militaire, car pour repousser des contingents que débarquent — ou vont débarquer — point n'est besoin le plus souvent d'autre artillerie que celle de campagne».

A defesa das costas da Inglaterra é antes garantida por sua frota do que pelo relativamente pequeno numero de bases fortificadas.

A França que, cita o General Sarmento, pretendeu, em certa occasião, defender suas costas só por meio de fortificações, gastou bilhões para concluir depois o quasi nenhum valor dessa custosa defesa de cidades commerciaes. Este mesmo autor assinala, com a narração de factos historicos, a incapacidade da artilharia de terra de, só por si, impedir desembarques e outras operações de um inimigo que tenha o domínio dos mares. E' assim que, diz o General Sarmento, qualquer numero de transportes, em linha nas proximidades da costa, pode, com tempo calmo, lançar seus botes simultaneamente ao mar e rapidamente desembarcar numerosa tropa e material de guerra. Na luta dos Estados Unidos contra a Hespanha, os americanos procederam ao desembarque de tropas, sem o menor incommodo e a poucas milhas das baterias de S. Thiago de Cuba, unicamente porque eram senhores absolutos do mar. Facto analogo se reproduziu nos Dardanellos, na guerra actual, conforme menciona um official hespanhol em artigo escrito no «Memorial de Artilleria».

O General Sarmento fala ainda do porto de Genova, perfeitamente artilhado, mas que não defende o bombardeio da cidade por uma esquadra inimiga, nem offerece abrigo seguro a uma esquadra amiga. Semelhante é a sua opinião a respeito do porto de Leixões e ao da cidade do Porto, caso se pretendesse defendel-a unicamente por meio da construcção de fortificações.

Em vista, pois, das razões adduzidas do estudo de factos historicos, a defesa de bases navaes, embora reposando na construcção de fortificações permanentes, comprehende varios outros elementos de não menor importancia. Isto a torna muito complexa e sempre excessivamente custosa. Em tais condições, o numero destas bases de operações navaes deve ser reduzido ao strictamente necessário e, conforme diz o General Sarmento, não convém fortificar cidades puramente commerciaes, porque seria dar-se-lhe uma defesa insufficiente e, para elas, chamar a attenção do inimigo que teria assim uma desculpa para as bombardear. De facto: o direito internacional prohíbe e o mundo civilizado condemna o bombardeio de cidades abertas; ora, si dér-se ás cidades commerciaes uma defesa insufficiente, com o fim de diminuir despesas, o inimigo poderá atacal-as, sem temer a censura da humanidade.

Numa cidade commercial, o inimigo marítimo não se manterá, desde que o exercito de seu Paiz ainda não a occupe. Será, portanto, pouco provavel sua entrada em um tal porto que ficará, por isto, mais garantido do que fracamente artilhado. Além disto, estas cidades commerciaes, como a maior extensão do litoral, serão constantemente vigiadas e defendidas pela esquadra amiga, cujas bases de operações devem ser situadas de modo a que um tal serviço possa fazer-se regularmente. Esta defesa móvel de costas está, por outro lado, de pleno acordo com o grande e velho principio, tão preconizado pelo Marechal Foch, de que, na guerra, se deve sempre preferir a offensiva á defensiva, quando possível, porque é aquella que conduz á victoria. Assim, pois, a defesa activa favorece o principal objectivo da esquadra amiga que é a procura e destruição da esquadra inimiga.

Como o exercito de terra, cujo objectivo é semelhante ao acima mencionado, o exercito de

mar carece de bases fortificadas para o abrigo de seu material e seus reforços, quando este requer concertos, e para os abastecimentos de carvão e munição. Como bem diz Guidette, uma esquadra sem bases solidas de operações, seria uma esquadra inutil.

Embora muito custosa, a construcção das obra de defesa destas bases navaes é sempre toleravel pelos orçamentos de uma Nação. E', porém, necessário que a sua distribuição seja muito bem feita, afim de que seu numero possa ficar restrito ao indispensavel.

Por outro lado, assim como a esquadra deve sempre que fôr possivel, auxiliar e apoiar a accão do exercito de terra, seja que esta accão se realisa nas proximidades da costa ou seja que um dos flancos das forças de terra venha apoiar-se ahí; assim tambem o exercito, salvo em acções de alto mar, tem sempre de ajudar as forças maritimas. Este indispensavel accordo nas acções das forças de terra e mar de uma Nação, mais necessario e accentuado se torna em se tratando de defesa de costas. Todos os fortes, toda a artilharia de uma base naval serão guarnecidos por tropas de terra. A defesa contra os possiveis ataques de todas as obras de fortificação, pelo lado de terra, fica tambem a cargo do exercito.

Divisões moveis, perfeitamente apparelhadas de artilharia, devem ainda estar sempre prontas para attender os pontos em que o inimigo tente qualquer desembarque e os quaes lhes serão indicados pelos navios vigilantes da esquadra. Chamando, pois, a esta parte da defesa de costa de defesa terrestre, vê-se que ella se decompõe em *fixa* e *movele*. Semelhantemente, denominando de defesa maritima a parte da defesa de costa que incumbe á frota, tambem ella se subdividirá em *fixa* e *movele*. E' assim que, segundo o Vice-Almirante Melchior, poderemos dispôr os elementos do complexo problema da defesa de costas como vai abaixo:

Defesa de costa	maritima	movele	Forças navaes em geral; Flotilhas de torpedeiros, submersiveis, hydroplanos, etc.
		fixa	Linhos de torpedos e baterias; Estacadas ou barragens.
terrestre		movele	Tropas de segurança para a defesa de cada forte, aeroplanos, etc.
			Divisões volantes para attender outros pontos, etc.
	fixa	movele	Fortes diversos.
			Baterias e serviço de iluminação, etc.

Está agora patente a complexidade do problema da defesa de costas que, embora incumbindo especialmente á armada, não dispensa o poderoso concurso das forças de terra e da fortificação e o perfeito entrincheiramento das bases navaes. A necessidade e importancia destas obras são afirmadas por todo o mundo, pois, uma frota sem bases seguras de abastecimentos é uma frota vencida. A este respeito vamos reproduzir aqui alguns periodos da grande e moderna obra de A. Guidetti. No começo do Cap. I — Parte Quarta da citada obra lê-se:

«Necessità ed importanza della fortificazione costiera. La necessità di ricorrere al sussidio della fortificazione permanente per la difesa dei litorali deriva da ragioni di ordine organica, logistica e

strategica. Le flotte — come gli eserciti — per potersi organizzare, per poter manovrare, vivere, combattere, riformarsi e riattarsi hanno d'uopo di alcune basi d'operazione; le quali soranno constituite da arsenali, porti di rifornimento e di rifugio, stazioni navali, etc.; così risulta la necessità di fortificazioni costiere che garantiscono il possesso di tali località. La funzione delle fortificazioni costiere rispetto alla flotte é dunque identica a quella delle fortificazioni terrestri rispetto all'esercito, e consiste nel facilitare la manovra delle forze mobili e nel lasciare loro grande libertà di azione col garantire, senza vincolare, i punti fissi che loro occorrono».

Provada assim a necessidade da fortificação costeira, convem accentuar que a natureza do problema é de tal ordem de complexidade que não pode ter solução em um só dos Ministerios, mas requer o concurso dos technicos do Ministerio da Guerra e do Ministerio da Marinha. A escolha das bases a fortificar, o valor das unidades navaicas e da defesa fixa maritima só podem ser dados por officiaes de marinha. A construcção das obras e sua defesa terrestres cabe então aos officiaes do exercito. E' um problema cuja solução detalhada exige estudos especiaes muito serios. Por este motivo não nos será possivel sínão esboçar a questão aqui e, sem particularizar o assumpto, falar somente do modo geral. Será neste mesmo termo que teremos de continuar, apresentando em escriptos subsequentes, indicações a respeito da natureza das obras a construir e da artilharia e empregar na defesa fixa das bases navaes.

(Continua)

Major Abrilino P. Bandeira.

Aplicações e observações sobre o R. E. A.

O commandante da bateria, na pontaria indirecta, deve, como norma, deixar a cargo do commandante da linha de fogo o parallelismo do feixe, o que trará, além da vantagem da divisão do trabalho, mais rapidez e acerto no serviço.

Essa conducta simplificará o trabalho do capitão, dispensando-o, no processo da pontaria á luneta, da preocupação de obter, para o seu instrumento, uma posição donde possa ver todas as peças e, no processo do ponto de pontaria collectiva, da preocupação de calcular a parallaxe do ponto de pontaria em relação á frente de secção.

Sabemos bem a difficultade com que se luta frequentemente no terreno, para encontrar-se uma posição, donde todas as peças possam ser visadas, e tambem quanto é difficult ás vezes para o capitão, distante da bateria, calcular a parallaxe do ponto de pontaria em relação á frente de secção e determinar o sentido de seu escalonamento, (*) quando para o comandante da linha de fogo estas operações constituem sempre tarefa rapida e simples.

Appliquemos agora a uma serie de exemplos a norma que acabamos de preconisar e assim proporcionaremos um maior entendimento entre o

N. da R. — Em regra é absurdo querer fazer e sas determinações senão da linha de fogo.

capitão e o commandante da linha de fogo, fazendo ressaltar também alguns senões do R. E. A.

1.º EXEMPLO

Objectivo: uma bateria de escudo a 3000 m, ocupando uma frente de 15''.

Bateria que atira: de canhões com intervallos normais.

Ponto de pontaria: á retaguarda da linha de fogo e distante 1000 m.

Frente de secção em relação ao ponto de pontaria: 13 m.

$$\text{Escalonamento de parallelismo: } \frac{13}{1000} = 13''$$

Processo da pontaria á luneta

O capitão:

«Granada percussão! Só a 1.ª peça da direita! 1.ª peça da direita pontaria á luneta! Direcção geral! Sítio 200! Deriva 10.20! Fogo!»

O primeiro tenente:

«1.ª peça da direita — referir a pontaria, á retaguarda, na torre da igreja!»

O chefe da peça (depois de referida):

«Deriva de referência 30.40.»

O commandante da linha de fogo (depois de calcular o escalonamento de parallelismo):

«Ponto de pontaria á retaguarda, a torre da igreja! Deriva 30.40! Escalonar de menos 13!»

Processo do ponto de pontaria collectiva

O capitão:

«Granada percussão! Só a 1.ª peça da esquerda! Ponto de pontaria á rectaguarda, a torre da igreja! Sítio 200! Alça 30! Deriva 30.40!»

O primeiro tenente (depois de calcular o escalonamento de parallelismo):

«Escalonar da esquerda de 13!»

2.º EXEMPLO

Os mesmos dados do exemplo anterior, apenas mudando a frente do objectivo para 30''.

Neste caso trata-se da repartição do fogo sobre uma frente maior que a da bateria.

Para firmarmos ideia, chamamos frente da bateria o intervallo linear, ou millesimal á distância do objectivo, limitado pelas trajectorias paralelas das peças extremas.

Quando se trata de objectivo cujas extremidades constituem pontos de incidência das trajectorias extremas, o escalonamento de repartição se faz, no sentido conveniente, de uma grandeza igual ao terço da diferença entre a frente do objectivo e a da bateria.

Para o nosso caso temos:

Frente do objectivo	30''
Frente da bateria (com intervallos normais) millesimal a 3000 m	15''
Diferença de frente	15''
Escalonamento de repartição	$\frac{15''}{3} = 5''$

O capitão transmite o escalonamento de repartição ao primeiro tenente, encarregado do parallelismo do feixe, pelo commando: aumentar (diminuir) o escalonamento de tanto (art.ºs 150 e 279 do R. E. A.).

O R. E. A. é confuso nesses seus artigos, que presuppõem o commandante da bateria saber o sentido do escalonamento, determinado pelo primeiro tenente, quando no caso da pontaria á luneta, assim não pode acontecer, por-

que a escolha do ponto de pontaria é privativa do commandante da linha de fogo e, no caso do ponto de pontaria collectiva, o capitão muitas vezes difficilmente percebe o sentido do referido escalonamento.

Por esta consideração propomos que o capitão transmitta o escalonamento de repartição, commandando: *escalonar de (menos) tanto* si a peça base fôr a da direita e a frente do objectivo fôr maior (menor) que a da bateria ou: *escalonar da esquerda de (menos) tanto* si a peça base fôr a da esquerda e a frente do objectivo menor (maior) que a da bateria.

Appliquemos ao nosso exemplo a modificação proposta.

Processo da pontaria á luneta

O capitão:

«Granada percussão! Só a 1.ª peça da esquerda! 1.ª peça da esquerda pontaria á luneta! Direcção geral! Sítio 200! Alça 30! Deriva 11.60! Escalonar da esquerda de menos 5! Fogo!»

O primeiro tenente não transmite á linha de fogo o commando de escalonamento dado pelo capitão e determina:

«1.ª peça da esquerda — referir a pontaria, á retaguarda, na torre da igreja!»

O chefe da peça (depois de referida):

«Deriva de referência 30.06.»

O commandante da linha de fogo (depois de calcular o escalonamento de parallelismo e combina-o com o de repartição):

«Ponto de pontaria á retaguarda, a torre da igreja! Deriva 30.06! Escalonar da esquerda de 8!»

O escalonamento total — mais 8 da esquerda — resultou do escalonamento de parallelismo — mais 13 da esquerda — e do de repartição que é menos 5 da esquerda.

Processo do ponto de pontaria collectiva

O capitão:

«Granada percussão! Só a 1.ª peça da direita! Ponto de pontaria á retaguarda, a torre da igreja! Sítio 200! Alça 30! Base 1.ª peça da direita! Deriva 30.30! Escalonar de 5! Fogo!»

O primeiro tenente não transmite á linha de fogo o escalonamento dado pelo capitão; combina-o com o de parallelismo e depois então comanda:

«Escalonar de menos 8!»

O escalonamento de menos 8 da direita resultou do escalonamento de parallelismo — menos 13 da direita — e do de repartição que é mais 5 da direita.

3.º EXEMPLO

Objectivo: uma linha de atiradores a 2000 m, ocupando uma frente de 160''.

Bateria que atira: de canhões com intervallos duplos.

Ponto de pontaria: no prolongamento da linha de fogo á distância de 1000 m.

Frente de secção em relação ao ponto de pontaria: nulla.

Escalonamento de parallelismo: nullo.

Trata-se aqui da ceifa, que exige sempre, como preliminar, que a pontaria de cada peça fique dirigida para o meio de seu objectivo particular. O mecanismo da ceifa deve se traduzir pela simetria dos tiros de cada peça em relação ao meio de seu objectivo particular.

As ultimas alterações do R. E. A., que estabelecem a ceifa para o obuz e o canhão de montanha, dão um mecanismo de tiro que produz essa simetria, e seria para desejar que o artº 49 do R. E. A., se modificasse no sentido de satisfazer a mesma condição.

Tratemos agora do escalonamento de repartição para o nosso exemplo.

Quando se trata de objectivo cujas extremidades não constituem pontos de incidencia das trajectórias extremas, o escalonamento de repartição se faz, no sentido conveniente, de uma grandeza igual ao terço da diferença entre a frente do objectivo, diminuída de um quarto, e a da bateria, devendo a peça base ser previamente apontada para o meio de seu objectivo particular.

Para o nosso exemplo temos

Frente do objectivo diminuída de um quarto	160''—40''=120''
Frente da bateria (com intervallos duplos) millesimal a 2000 m	45''
Diferença de frente	75''
Escalonamento de repartição	$\frac{75}{3} = 25''$

Façamos agora os commandos nos dous processos de pontaria.

Processo da pontaria á luneta

O capitão:

«Shrapnell tempo! Só a secção direita! 1.ª peça da direita pontaria á luneta! Sítio 200! Corrector 10! Alça 20! Deriva 10.20! Escalonar de 25! Fogo!»

O primeiro tenente não transmite á linha de fogo o escalonamento, commandado pelo capitão. E determina:

«1.ª peça da direita — referir a pontaria á direita, naquela palmeira!»

O chefe da peça (depois de referida):

«Deriva de referencia 17.25.»

O commandante da linha de fogo (depois de verificar que o escalonamento de parallelismo é nulo):

«Ponto de pontaria á direita, a palmeira isolada! Deriva 17.25! Escalonar de 25!»

Processo do ponto de pontaria collectiva

O capitão:

«Shrapnell tempo! Só a secção esquerda! Ponto de pontaria á direita a palmeira isolada! Sítio 200! Corrector 10! Alça 20! Base 1.ª peça da esquerda! Deriva 12.40! Escalonar da esquerda de menos 25! Fogo!»

O primeiro tenente, antes de transmittir á linha de fogo o commando de escalonamento, dado pelo capitão, verifica que o escalonamento de parallelismo é nulo e então commanda:

«Escalonar da esquerda de menos 25!»

4.º EXEMPLO

Objectivo: uma torre observatorio a 3000 m. Bateria que atira: de obuzes com intervallos normaes.

Ponto de pontaria: na frente da linha de fogo á distancia de 1000 m.

Frente de secção em relação ao ponto de pontaria: 8 m.

Escalonamento de parallelismo: $\frac{8}{1000} = 8''$

O objectivo fica reduzido ao seu centro e

portanto a sua frente é nulla; o escalonamento de repartição é um escalonamento de convergência sobre o centro do objectivo.

Temos:

Frente do objectivo	nulla
Frente da bateria (com intervallos normaes) millesimal a 3000 m	15''
Diferença de frente	15''
Escalonamento de repartição:	$\frac{15}{3} = 5''$

Processo da pontaria á luneta

O capitão:

«Granada! Carga 5! Só a 1.ª peça da direita! 1.ª peça da direita — pontaria á luneta! Sítio 200! Alça 30! Deriva 14.15! Escalonar de menos 5! Fogo!»

O primeiro tenente não transmite á linha de fogo o escalonamento dado pelo capitão e determina:

«1.ª peça da direita — referir a pontaria, em frente, no marco em cima do morro!»

O chefe da peça (depois de referida):

«Deriva de referencia 10.26.»

O primeiro tenente (depois de calcular o escalonamento de parallelismo e combinal-o com o de repartição):

«Ponto de pontaria em frente, o marco em cima do morro! Deriva 10.26! Escalonar de 3.»

O escalonamento mais 3 da direita resultou do escalonamento de repartição — menos 5 da direita e do de parallelismo — mais 8 da direita.

Com esse escalonamento, dado pelo commandante da linha de fogo, a bateria ficará no regimen da convergência sobre o centro de seu objectivo, conforme a intenção do commandante de bateria.

Processo do ponto de pontaria collectiva

O capitão:

«Granada! Carga 5! Só a 1.ª peça da esquerda! Ponto de pontaria em frente, o marco em cima do morro! Base 1.ª peça da esquerda! Deriva 10.35! Escalonar da esquerda de 5! Fogo!»

O primeiro tenente não transmite á linha de fogo o escalonamento dado pelo capitão, calcula o escalonamento de parallelismo, combina-os e comanda:

«Escalonar da esquerda de menos 3!»

O escalonamento menos 3 resultou, do mesmo modo, dos escalonamentos de repartição e de parallelismo, e a bateria, pelo commando desse escalonamento, ficará no regimen de convergência sobre o centro de seu objectivo, conforme a intenção de seu capitão.

Cap. J. B. Mascarenhas de Moraes.

Instrução prática da companhia de infantaria nos trabalhos de sapa

Pelo Coronel Francisco Emilio Julien
(Continuação)

Quando terminamos os nossos apontamentos sobre os exercícios do pelotão nos trabalhos de sapa, dissemos que nos exercícios de sapa que vai realizar a companhia, nada de novo haveria

a ensinar aos homens quanto á technica propriamente dita, e que na applicação do que aprenderam as suas esquadras e os seus pelotões tão pouco se trataria de simples agrupamento e combinação dos pelotões; a companhia, muito ao contrario disso, já iria agora agir como unidade constituída independente, sendo collocada deante de themas inteiramente novos, que elle teria de resolver, applicando o serviço de sapa em campanha em uma determinada situação tactica. Vejamos, pois, como se poderá proceder nos exercícios que respondam á accão da companhia como unidade constituída independente.

Antes de tudo cumpre, como exercicio preparatorio, que a companhia, como unidade constituída, repita todos os exercícios que foram realizados pelo pelotão, ampliando-os, chamando a elles todos os homens da secção de sapadores de que ella dispõe.

Dahi resulta que ella terá de ocupar-se de trabalhos de execução mais difícil e de themas de resolução tambem mais difícil, tal como, p. ex., da passagem de cursos d'água.

Muita attenção deve ser dada ao que diz o art. 305 do R. S. S. que é applicavel a quasi todos os trabalhos exigidos pelo regulamento para o serviço de sapa. Não menos attenção merece o art. 306, § 1, havendo além desse o art. 307, § 3, que diz respeito ao commandante da companhia.

As situações tacticas, ás quaes serão subordinados os exercícios, poderão ser as mais simples, podendo mesmo ser apostas aos habituais exercícios de combate, para cujo fim bastará que por occasião de uma situação qualquer desses exercícios, p. ex., o commandante de batalhão mande dar o toque de «alto» e ordenar á tropa que ella se entrincheire no lugar em que ella ocasionalmente se achar. O thema também pôde referir-se a algumas fracções da companhia de modo que se trabalhará simultaneamente mais ou menos no mesmo local, mas com frentes e em uma situação supposta diferente.

Para isso citaremos, p. ex., o estabelecimento de um pequeno posto. Nesse exemplo cumpre considerar os pontos seguintes:

Como nos pequenos postos quasi nunca se pretende oferecer uma resistencia tenaz, também não se deve, em vista disso, tratar áhi de instalações que requeiram muito tempo e muitos trabalhadores. Mas, pôde acontecer que, por motivos especiaes, o pequeno posto receba ordem de resistir durante um tempo mais ou menos longo. Nesse caso os trabalhos della decorrentes têm de ser executados imediatamente, porque nem sempre se saberá que o inimigo esteja prestes a atacar. Convirá, contudo, decidir si antes de começar os trabalhos se deve tomar uma refeição, porque homens bem alimentados e mais ou menos descansados, trabalham melhor e mais rapidamente do que homens fatigados e com o estomago vazio. Mas, por outro lado, também se dá o facto que parte dos alimentos não será assimilada si os homens fôrem trabalhar logo apôs a refeição. Deverá resolver-se sobre o lugar onde será construída a trincheira, para poder bater-se pelo fogo o inimigo quando em marcha de approximação; conforme as circumstancias, construir-se-ão «duas» trincheiras, uma em cada lado da estrada, das quaes se possa

fazer fogo em diversas direcções. A altura do apôlo dos fuzis deverá ser fixada, attendendo-se ao seu numero que possa ser posto na linha de fogo, depois de abatidos os das sentinelas duplas e os de uma patrulha, no minimo. Todas as pás disponiveis (das sentinelas, etc.) deverão ser empregadas nos trabalhos. Collocar-se-ão lanternas ordinarias, a luz tapada para o lado do inimigo, em certos pontos, p. ex., no terrapleno de uma estrada, afim de poder bater-se pelo fogo durante a noite. Deve-se cortar as arvores e os galhos que obstruam o campo de tiro, uma vez que isso seja possivel com o auxilio da pequena ferramenta. Obstrucção eventual de pontes, lançando n'água os pranchões do estrado, ou então, atravancando-as com galhos e arvores collocadas entre as balustradas, ou ainda, estendendo entre elles fios de arame, mas, tudo isso sómente si fôr de efecto imediato e que o lugar da ponte não possa ser contornado pelo inimigo. Na armação de barracas empregar-se-á, em vez dos paus e das cordas de barraca, de preferencia material de occasião que pôde, sem inconveniente, ser deixado no lugar quando se tiver de abandonar o posto apressadamente, sobretudo, durante a noite.

Themas semelhantes a esse poderão ser considerados os seguintes:

Trabalhos de consolidação na posição ocupada pela companhia de um posto principal.

Idem no lugar onde estiver o grosso dos postos avançados.

Trata-se de uma grande batalha offensiva, uma companhia é retirada para cobrir o flanco da artilharia.

Uma companhia testa-teve de passar um desfiladeiro formado por um caminho, ao resto do batalhão coube outra missão em uma direcção differente; a companhia, depois de ter passado o desfiladeiro, entrincheira-se para oppôr-se ao avanço do inimigo que lhe é superior.

Uma companhia da retaguarda foi desprendida da columna para ficar atraç como companhia independente.

Uma companhia que toma parte no ataque, tem de manter-se em um ponto que deve ser bem defendido (para oppôr-se a contra-ataques do defensor), ao mesmo tempo que o ataque prosegue em outros pontos.

Construcção de uma trincheira para atiradores dentro do sistema de um grupo de trincheiras de um batalhão; admittido que seja, no centro ou na ala, subordinada aos seus fogos de flanco.

Construcção de uma trincheira para atiradores em relação a uma posição de artilharia suposta, que também deve ser considerada «atraç» de uma collina.

Construcção de trincheiras para atiradores destinadas a baterem determinados obstáculos ou angulos mortos; sua ligação com fuzis metralhadores.

Transformação de uma trincheira conquistada pela companhia, em que ella espera um contra-ataque.

Fortificação de uma granja, em determinada situação.

Organisação defensiva de uma parte de uma floresta.

Idem de trechos da orla de uma localidade.
Idem de um trecho no seu interior.
Travessia de um matto cerrado.

Passagem de um terreno alagadiço, de banhado, por uma faixa estreita.

Passagem de um curso d'água em uma ponte rápida.

São esses os themes que nos ocorrem. Relativamente aos ultimos citados, cumpre que entremos em alguns detalhes, offerecendo alguns esclarecimentos que, assim esperamos, não sejam considerados superfluos.

Granjas. — Quando a companhia tiver de organizar a defesa em uma granja, deve-se, antes de tudo, pensar no seu aproveitamento maximo que possa ser tirado com o effectivo da companhia. D'ahi, portanto, se poderá verificar *quais* as obras que devem ser executadas. Dá-se, então, o facto que, conforme as circumstancias, serão as mais convenientes as trincheiras para atiradores appensas lateralmente aos edificios da granja ou intercaladas entre elles, podendo os fogos de flanco serem feitos dos proprios edificios e os a grande distancia e nos angulos mortos, ás vezes dos andares superiores que os atiradores ahí collocados mais tarde abandonarão. Deve-se com bastante antecedencia pensar na attitudo que deverá ser observada contra os ataques envolventes e de flanco; resolvendo-se á a questão de destacar uma reserva; si isso fôr necessário, ella não deve abrigar-se junto a edificações que facilmente possam ser incendiadas. Deve-se, além disso, pensar desde o começo, no modo de repellir um assalto á menor distancia e cuidar dos abrigos que devem ser aproveitados quando o inimigo penetrar na granja á viva força.

Resumindo: dar-se tempo para examinar minuciosamente todas as circumstancias que vêm ao caso, mas, uma vez tudo considerado, dar á companhia logo a ordem clara e precisa segundo a qual ella deverá ser dividida convenientemente para a execução dos trabalhos em questão. Cuidar-se-á também da distribuição conveniente da ferramenta de sapa com relação a esses trabalhos, attendendo-se a que ella esteja em mãos de homens que saibam fazer della uso conveniente. O pessoal de todas as graduações deverá ser empregado na fiscalização e direcção dos trabalhos.

Os novos instructores da Escola Militar

Ao fazerem suas apresentações os novos instructores da Escola Militar, foram recebidos de maneira excepcionalmente distinta não só pelo Snr. General Chefe do Estado Maior do Exercito, como pelo Snr. Ministro da Guerra.

Esta alta autoridade dirigiu-lhes palavras de grande estímulo e que significam o interesse com que o novo Governo encara o recrutamento do quadro de officiaes e, o Snr. Chefe do Estado Maior do Exercito, autoridade que presidiu á escolha dos novos educadores usou expressões que explicam com a maior clareza, a justiça e o interesse com que o Exercito e, especialmente o Estado Maior, encaram a nova phase de ensino pratico na Es-

cola Militar. Com permissão de S. Ex. reconstituimos essa allocução e publicamola a seguir, para que se não esqueça tão importante occurrence.

«Pela primeira vez o Estado Maior do Exercito teve intervenção na escolha dos instructores da Escola Militar e foi minha preocupação unica servir ao ensino pratico dos futuros officiaes, como ha muito deveria ter sido feito.

Participo consequentemente do exito que alcançardes e espero que todas as difficultades sejam vencidas, porque não vos falta competencia e estou certo, encontrareis todo o auxilio material e moral de que carecerdes para o desempenho da vossa missão.

Ella é bem difficult, mas não ha motivos para esmorecimento.

O vosso recrutamento seguiu os mais dignos processos; ou foi o concurso, que não sendo perfeito é o menos imperfeito dos processos para a selecção em taes casos, constitudo a mais larga porta para a entrada naquelle estabelecimento de ensino, ou foi o conceito, mais ou menos generalizado entre os nossos camaradas, conceito firmado no arduo e assíduo trabalho da tropa.

Muitos e distintos officiaes tem passado pela Escola Militar como instructores e ainda agora alguns delles de lá sahem, mas é de justiça afirmar, que nunca o corpo de instructores da Escola attingiu ao gráu de homogeneidade que hoje assume, com grandes esperanças para o ensino profissional.

Não é demais que vos lembre a influencia que a instrucção moral e a disciplinamento pelo exemplo terão na Escola se bem que vos sejam perfeitamente familiares os processos mais seguros para a formação de bons soldados.

Muito espero dos vossos esforços na Escola Militar e por isso, a ella e ao Exercito eu felicito pela vossa nomeação.»

* * *

Sob o mesmo titulo desta noticia, publicamos no numero passado algumas considerações sobre os novos instructores da Escola Militar e, entre elles, dissemos que o «ensino pratico era conservado nos regulamentos com o unico intuito de justificar o nome da escola e os cargos de instructores eram dados a quem precisasse ficar no Rio ou desejasse tomar contacto com a escola para esperar vaga no magisterio, etc.» Essa consideração suscitou interpretações diferentes das que tivemos em vista e nos passaria desaparecida essa possibilidade, si não tivessemos recebido, aliás com muito prazer, a observação de um nosso distinto camarada que foi instructor da Escola.

A nossa critica voltou-se especialmente para o pouco interesse com que era tratado o ensino pratico, não tanto pelos instructores, mas exactamente pelas autoridades que o conservavam para justificar o nome da Escola e davam os cargos de instructores mais pelo interesse dos candidatos do que pelos do ensino. Referindo-nos em these ao assumpto não cogitamos de ressalvas. Entretanto, por espirito de justiça, apressamo-nos em declarar — que sempre houve excepções en-

tre os instructores, alguns que se demoraram na Escola por instancias dos respectivos commandantes e outros que levaram o seu desejo de bem servir ao ensino, ao ponto de gastar do seu bolso para poder realizar experiencias e exercicios que deviam ser obrigados a fazer. Esses eram lá, como em outros institutos ou repartições, andorinhas impertinentes que, seja dito de passagem, nunca puderam fazer obra completa por falta de recursos ou de apoio das autoridades, e acabavam ficando no cargo só enquanto não lhes apparecia collocação melhor.

Pouco nos importam casos especiaes de instructores ou professores da Escola; não pensamos nelles pessoalmente quando nos referimos aos interesses do ensino e assim devem entender os que não nos emprestarem intuitos maldosos; o que nos interessa é que elles sejam o que de melhor houver no Exercito, tenham ou não sido instructores ou professores em qualquer tempo. Folgaremos muito em poder apresentar as nossas felicitações áquelles que da Escola sahirem por qualquer motivo e para ella voltem provando que satisfazem desassombroadamente todas as condições regulamentares.

Bemdicto o acto ou a opinião que provoque demonstrações de valor.

«A Defeza Nacional», temos dito mais de uma vez, não visa pessoas, suas palavras attingem apenas aos costumes, que deseja ver modificados para o bem do Exercito e do Brazil.

Uma victoria da perseverança

Desde 1913, isto é, ha cinco annos que um nosso camarada, o Capitão Marcos Evangelista da Costa Villela Junior, trabalha assidua e dedicadamente para que confeccionemos aviões, com elementos nacionaes e de um typo seu em cujo aperfeiçoamento lidava com innegavel constancia.

Vencendo grandes difficultades, iniciou em 1914 a construcção de um monoplano e estudos sobre telas e vernizes. Em 1916 realizou experiencias do primeiro typo de suas helices aereas colhendo os mais animadores resultados, e, d'ahi em diante, não mais abandonou o estudo, a officina e a convicção de que poderíamos prover as necessidades da nossa aviação com a *prata de casa*.

E o motor?...

O Capitão Villela declara que podemos construir-o e adianta que tem conseguido da nossa industria metalurgica as peças mais delicadas, com as quaes os motores se portam admiravelmente.

Em 11 de Novembro de 1918 o nosso perseverante camarada realizou as experiencias officiaes do «Biplano Villela». Do seu exito fallou toda a imprensa carioca e sobre o valor do apparelho conhecemos agora a opinião dos profissionaes france-

zes que nos estão ajudando na organisação da escola que permitirá formar a 5.^a arma. O Capitão Villela persistiu e venceu; as suas telas são bôas, o seu verniz magnifico, a sua helice rivalisa com as melhores conhecidas e o seu biplano satisfaz plenamente.

Si outros meritos faltassem ao digno camarada, bastariam o exemplo da sua perseverança, a tenacidade e o amor com que luctou até agora, para que lhe manifestassemos os nossos appalausos.

Vem a propósito observarmos a influencia causada no espirito do grande publico pela opinião dos aviadores franceses sobre o apparelho do Capitão Villela.

Ahi está uma das grandes virtudes da missão militar de instrucção. Ao contrario do que muita gente pensa, a missão militar virá constatar, apreciar e elevar o esforço de todos os que tiverem valor real, de tudo que estiver certo e que não sabemos, não acreditamos ou não queremos acreditar que esteja.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista Maritima Brazileira — Set., Out. 1918.
Boletin del Ministerio de Guerra y Marina, Perú. Out. 1918, e Indice geral de 1913 a 1917.

O Tiro 372, S. Rita de Jacutinga.

Instruções para tiros de combate — 1.^o Ten. Octavio Felix, Porto Alegre.

O Tiro de Guerra, Outubro, Novembro, Dezembro, 1918.

Revista de Artilharia, Outubro de 1918.

Subsídio para a reorganização do serviço farmacêutico do Exercito, artigos publicados na «Revista dos Militares» em 1918, pelo 2.^o ten. ph. Oscar Filgueiras.

Explosivos e suas applicações militares, lições professadas na E. M. do Realengo pelo major Dr. Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti.

Memorial del Ejercito de Chile, Novembro, Dezembro, 1918.

Revista dos Militares, Nov. 1918.

Union Ibero-Americana, Madrid, Novembro 1918.

A 43, S. Paulo, Dezembro 1918.

EXPEDIENTE

ESTE NUMERO SAE COM AUGMENTO DE QUATRO PAGINAS.

Com este numero a nossa edição é elevada a 2000 exemplares. **Precisamos de assinantes...**

Especialmente aos Srs. edtes. de baterias de obuzes avisamos que iremos tirando em separado a «nomenclatura», cuja publicação agora iniciamos. Custarão cada 4 paginas 300 Rs.

MANUAL DO ARTILHEIRO

(*De uma circular*)

Provavelmente chegou ao seu conhecimento que em fins do anno passado os capitães Apollonio F. Rodrigues, Pfeil e Klinger propuzeram-se oficialmente a organizar um *Manual do artilheiro*, a ser editado na Imprensa Militar.

A separação daquelles tres camaradas por guarnições differentes, ocorrida logo após, e outras circumstancias retardaram a execução do projecto e deram lugar a que ficasse prompta primeiramente a parte relativa só á artilharia, destinada a constituir o 2 volume, que resolveram publicar sem mais demora. E é para isso que solicitamos o seu apoio.

Solicitamos o auxilio de todos os camaradas de arma, não só individualmente mas tambem, e principalmente, por intermedio das Bibliothecas, das quaes esperamos façam um stock para facilitar a aquisição pelas praças.

O preço do exemplar é de 2000 Rs. e foi calculado de modo a não nos deixar margem para nenhum abatimento, nem do porte.

O trabalho está prompto; teríamos pois muita satisfação em receber encomendas, com o respectivo pagamento adiantado.

O assumpto do volume é: Nomenclatura summaria do material de artilharia. — idem da munição, seu funcionamentos e emprego. — Resumo do R. E. A. — Idem do R. T. A. e Compl. — Idem das I. E. S. A. — Nomenclatura do arreiamento de tracção; detalices sobre atrellar. — Reparações de urgencia no material e no arreiamento.

Esperando uma resposta sem tardar, muito agradece

PELOS AUTORES

Capitão Klinger.

“A Defeza Nacional” aceita encommendas.

Pagamento adiantado. Inclusive porte.

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — Cap. Arnaldo D. Vieira.
E. M. do Ex. — 1º Ten. Mario P. Guedes.
Armada — Cap. Corveta F. Villar.
2.ª Linha — Cap. Mario L. de Carvalho.
D. A. — Coronel Principe.
3.ª D. — 2.º Ten. Columbano Pereira.
2.ª D. — 1.º Tenente M. Daltro Filho.
Br. Pol. — Cap. M. Castro Ayres.
1.º R. I. — 2.º Ten. Maciel da Costa.
2.º R. I. — 1.º Ten. Octaviano Gonçalves.
3.º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52.º Caç. — 1.º Ten. Mario A. do Nascimento.
54.º B. Caç. — 1.º Ten. Dr. Goes Monteiro.
55.º Caç. — 2.º Ten. Telmo A. Borba.
56.º Caç. — 1.º Ten. Carlos S. do Lago.
58.º Caç. — Ten. Roberto D. Santiago.
1.ª Cia. Metr. — Cap. A. Alencastre.
5.ª Cia. Metr. — Ten. O. Verney Campello

1.º R. C. — Cap. Raymundo Sampaio.
13.º R. C. — 2.º Ten. Simas Enéas.
3.º C. Trem — Tenente Manoel A. C. Batalha.
1.º R. A. — 1.º Ten. Manoel de B. Lins.
6º R. A. — 1º Ten. E. Seroa da Motta.
3.º G. Ob. — 1.º Ten. Fiuza de Castro.
20.º G. A. M. — Major Pompeu Loureiro.
Fort. S. Cruz — 2.º Ten. Octavio Cardoso.
Fort. S. João — 1.º Ten. J. F. Monteiro Lima.
Copacabana — 2.º Ten. Waldemar de Aquino.
1.º Bat. Eng. — Major Xavier Moreira.
E. M. — Realengo. 2.º Ten. J. Faustino da Silva Filho. — Aspirante J. Bina Machado.
Fabr. Realengo. — Cap. Freire de Vasconcellos.
Arsenal — Ten. A. Nunes de Souza F.º.
Direct. de Eng. — Major José Ribeiro Gomes.
Curso Aperf. Inf.º — 2.º Ten. Onofre G. de Lima.
3º Bat. Pol. Meyer — 1º Ten. Saint Clair de Freitas.

Fóra do Rio de Janeiro

6.ª C. Metr. — Rio Claro. Cap. J. A. Guimarães.
41.º Caç. — 2.º Ten. Eloy da Camara Catão.
43.º Caç. — 2.º Ten. Mario Travassos.
45.º B. Caç. — Manáos, 1º Tte. J. Vidal Pessoa.
46.º Caç. — Fortaleza, 1º Ten. Roberto M. Malheiros.
47.º Caç. — Belem, 2.º Ten. J. de Oliveira Pimentel.
50.º Caç. — Victoria, Major Diogenes Tourinho.
51.º Caç. — S. João del Rey, Ten. Edgard de Oliveira.
53.º Caç. — Lorena, Ten. Orlando Pimentel.
57.º Caç. — J. de Fóra, Ten. Pharm. O. Filgueiras.
59.º Caç. — B. Horizonte, Ten. Lima e Silva.
6º R. I. — Caçapava, Ten. Amílcar Salgado.
7º R. I. — Sta. Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.
8º R. I. — Ten. Jocelyn C. F. de Souza.
9º R. I. — Rio Grande, 1º Tte. Manoel Jacintho de Almeida.
27º B. I. — Pelotas, Tte. Omar Azambuja.
10.º R. I. — 2.º Ten. Alcebiades A. de Almeida.
30º B. I. — S. Leopoldo, 1º Tte L. O. Barreto de Almeida.
11.º R. I. — Bahia, 1.º Ten. Leal de Menezes.
12.º R. I. — Recife, Ten. Luis Corrêa Barbosa.
13.º R. I. — Corumbá, Ten.-Cor. J. Heleodoro de Miranda.
2º R. C. — Castro, Ten. A. Magno de Moraes.
3º R. C. — Bella Vista, Ten. Adalberto Diniz.
4º R. C. — Ijuhy, Ten. Florencio de Lima Py.
5º R. C. — S. Luiz G., 1º Ten. Dr. Leite Velloso.
6º R. C. — Samborja, Tte. Manoel Grott.
7º R. C. — Quarahy, 1º Ten. Outubrino A. da Graça.
8º R. C. — Uruguayana, Major Pará da Silveira.
10º R. C. — D. Pedrito, Cap. Alexandre Fontoura.
11º R. Cav. — Bagé, 2.º Ten. Sylvio Cantão.

12.º R. Cav. — Jaguarão, 1º Ten. Carlos Pereira da Silva.
14.º R. Cav. — Rio Verde, Ten. Lincoln Marinho.
15.º R. Cav. — Sant'Anna, 1º Ten. José Pinto Barreto.
4º C. T. — Pindamonhangaba, 1º Tte. O. M. Tinoco.
5º C. T. — Rio Pardo, 1º Ten. Oscar Raphael Jost.
10º R. A. — Pouso Alegre, Cap. Martins Penha.
4º G. Ob. — Jundiahy, Tte. Alcio Souto.
5º G. Ob. — Margem Taquary, 1º Ten. Argemiro Dornelles.
16.º Grupo. — Ten. Dr. Alexandre Meyer.
18.º Grupo. — Bagé, 1.º Ten. Salvador Obino.
19.º G. A. — Valença. 1.º Ten. Felisberto Leal.
Petropolis — 2º Ten. Brocardo Bicudo.
Guarn. de Alegrete — Cap. Christovão C. M. Mattos S. Gabriel. — 1.º Ten. Glycerio Gerpe.
Florianópolis — Cap. Eugenio Tauliois.
Itajahy — Cap. João da C. Mesquita.
Col. Barbacena — 1º Ten. José Martins de Arruda.
Coll. P. Alegre. — Cap. Antonio de C. Lima.
Com. da Carta. — Ten. Irineu Trajano.
Escola Naval — Cap. Ten. Mario da Gama e Silva
II. Reg. — 1.º Ten. Julio S. Couceiro.
Santos — 1.º Ten. S. de Mello Cardozo.
Coritiba — 1.º Ten. França Gomes.
Saycan — 1.º Ten. Djalma Cunha.
Fabr. Piquete — 1º Ten. Espindola do Nascimento.
Fabr. Estrella. — 1.º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.
Arsenal de P. Alegre — 1.º Ten. Graciliano P. da Fontoura.
Brigada Militar — P. Alegre, 1º T. Travassos Alves
Força Pública de S. Paulo — Cap. Salvador Moya.
Força Pub. de Matto Grosso — Cap. Firmino J. Rodrigues

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado o mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74.

Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.